



**ALAN BONFIM
ALZENÍ TÓMAZ
CLÉRISTON OLIVEIRA
ELIANA DE SOUZA
(ORGS.)**

CAMINHOS E DESAFIOS DO SER-TÃO

**IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE
PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM
ANDORINHA - BA**

ALAN BONFIM
ALZENÍ TÓMAZ
CLÉRISTON OLIVEIRA
ELIANA DE SOUZA
(ORGS.)



CAMINHOS E DESAFIOS DO SER-TÃO

Impactos socioambientais no território de pescadores
e pescadoras artesanais em Andorinha - BA

1ª Edição



PAULO AFONSO / BA
2024

CORPO EDITORIAL

Brasil

Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH)
Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Dinani Gomes Amorim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/ UNEB)
Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/ Museu Nacional)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Juracy Marques dos Santos (GPEHA /UNEB)
Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)
Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE)
Dra. Gisele das Chagas Costa (UNEB)
Dra. Gabriela Fernandes Feliciano Murua

Internacional

Dr. Ajibula Isau Badiru – (NIGÉRIA)
Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA)
Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB)
Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS)
Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH)
Dra. María José Aparício Meza – PARAGUAI (UNA)





Editora da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH
CNPJ 21.200.341/0001-80

E-mail: editora.sabeh@gmail.com | Site: www.sabeh.org.br

REALIZAÇÃO

Associação dos Pescadores do Açude Andorinha II
CPT Centro Norte – Comissão Pastoral da Terra - Diocese de Bonfim-BA.

SABEH – Sociedade Brasileira de Ecologia Humana

EQUIPE DE PESQUISA

Alan Bonfim, Clériston Oliveira, Eliana de Souza Silva, Maria Aparecida de Jesus Silva, Antônio Célio de Castro, Ícaro Maia

PARTICIPANTES DAS OFICINAS

Pescadores da Associação de Andorinha II

IMAGENS

Alan Bonfim; Antônio Célio; Clériston Oliveira; CPT Centro Norte - Diocese de Bonfim-BA.

IMAGEM DA CAPA

Alan Bonfim, Arquivos CPT Centro Norte - Diocese de Bonfim-BA.

EDIÇÃO DO MAPA

Daniel Reis

GRAVAÇÕES E TRANSCRIÇÕES:

Alan Bonfim, Clériston Oliveira Santos, Eliana de Sousa Silva, Izabelle Loiola Lopes, Angel da Silva Santos e Aldinei Dias de Souza Filho.

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Alisson José Oliveira Duarte

APOIO:



MISEREOR
• IHR HILFSWERK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caminhos e desafios do ser-tão [livro eletrônico]
: impactos socioambientais no território de
pescadores e pescadoras artesanais em
Andorinha-BA / organização Alan Bonfim...[et al.]
-- 1. ed. -- Paulo Afonso, BA : Sociedade
Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2024.
PDF

Outros organizadores: Alzení Tómas, Clériston
Oliveira, Eliana de Souza.
ISBN 978-65-5732-067-9

1. Cartografia 2. Ciências sociais 3. Impacto
ambiental 4. Pesca - Aspectos sociais 5. Pesca
artesanal - Brasil 6. Território I. Bonfim, Alan.
II. Tómas, Alzení. III. Oliveira, Clériston.
IV. Souza, Eliana de.

25-246538

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesca : Desenvolvimento sustentável:
Ecologia humana 304.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Dedicamos este trabalho à Valdete Souza dos Reis e Elias Amaro de Lima, In. Memória, que, durante suas vidas contribuíram incansavelmente com os processos de luta pela preservação do Açude e conservação do Conhecimento Ecológico Tradicional e modo de vida dos/as pescadores/as, participando também da construção da desta Cartografia Social.

EPÍGRAFE



“A nossa luta é para retirar a outorga da Ferbasa que ela tem direito de puxar água do açude, ele está assoreado, cheio de sujeira, nessa época até foi pedido para limpar, mas, a Ferbasa disse que não tinha onde colocar os resíduos que seriam retirados de dentro do açude, e a prefeitura não ajudou de jeito nenhum...” (EAL).



“A minha fonte de renda é que sempre eu tenho batalhado aqui, lutado aqui para pescar, meu marido trabalhava aqui, umas vezes eu fiquei aqui encostada, vai levando a vida aí como Jesus quer, chamando por Deus. Tem duas mulheres pescadoras, as espécies pescadas é a Tilápia, Traíra e Corró com linha de pesca. São comercializadas aqui mesmo com valor de 15 reais. Eu sei fazer a linha de pesca, as meninas do finado Lalá também sabem fazer” (VSR- Andorinha – Pescadora).





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CARTOGRAFIA SOCIAL DOS PESCADORES DO AÇUDE ANDORINHA II.....	17
USO COMUNITÁRIO PELOS/AS PESCADORES/AS X USO PRIVADO PELA EMPRESA MINERADORA FERBASA	21
RECORTES DAS NARRATIVAS: UMA SÍNTESE DO CONFLITO	29
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS COMUNIDADES E AÇUDE ANDORINHA II.....	41
NARRATIVAS	45
1.1. FRANCISCO DE JESUS	47
1.2. GENIVALDO JOSÉ DOS SANTOS.....	51
1.3. JOSÉ SILVA DE MATOS	55
1.4. JOSÉ NILTON LOPES	59
1.5. LOURENÇO MILITÃO ALVES	63
1.6. VALDELICE GONÇALVES DE ARAÚJO	67
1.7. EDSON DA SILVA	71
1.8. JOSÉ FRANCISCO DA SILVA	75
1.9. ELIAS AMARO DE LIMA	79
1.10. ROBERTO CARLOS ALVES DE ARAÚJO	87
1.11. ISMAEL RODRIGUES DA SILVA.....	91
1.12. MARIA DAS NEVES DA SILVA	97
1.13. VALDETE SOUZA DOS REIS	103



1.14. GENILDO SOUZA DOS REIS	113
1.15. JOSÉ ROBERTO RODRIGUES DA SILVA	117
1.16. ELIANA DE SOUZA SILVA	123
AVIFAUNA DO AÇUDE.....	129
PARECER TÉCNICO SOBRE A ECOLOGIA HUMANA NA BACIA DO RIO ITAPICURU: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O CONFLITO DA CAPTAÇÃO PREDATÓRIA DOS RECURSOS HÍDRICOS DO AÇUDE ANDORINHA II.....	131

APRESENTAÇÃO

*O sertanejo é, antes de tudo, um forte.
Euclides da Cunha*

Partindo do conflito gerado pela captação predatória de recursos hídricos do Açude Andorinha II na Bacia do Rio Itapicuru, promovida pela Companhia de Ferro Ligas da Bahia (Ferbasa), situada na região do Medrado e em outras localidades do município de Andorinha, Bahia, Brasil, iniciamos a construção de um processo de Cartografia Social. Esse processo é fundamentado no empoderamento dos pescadores, considerando os significados sociais, culturais, políticos e ambientais que emergem dos diálogos com os atores locais, que resistem preservando seus modos de vida em torno do açude.

Inicialmente, apresenta-se o contexto histórico de vivências e lutas em defesa desse território de uso coletivo dos pescadores. Em seguida, são realizadas entrevistas com os atores envolvidos no conflito e análises de documentos sobre a resistência e defesa do açude, como Atas de audiências, Ação Civil Pública (2014), e documentos de denúncias e reivindicações. A análise inclui também relatórios de órgãos como a Agência Nacional de Águas (ANA), o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) e o Comitê da Bacia Hidrográfica do Itapicuru (CBHI), que retratam a situação de calamidade devido à seca prolongada, à contínua retirada de água pela Ferbasa e à negligência dos órgãos responsáveis em garantir os usos prioritários das águas em situação de escassez.

As entrevistas foram realizadas com moradores, pescadores e outros usuários do açude, além de pessoas envolvidas no conflito. Adotamos uma abordagem que também considera o rio como protagonista, tanto como autor quanto como sujeito de direito, testemunha de encantos que se dissipam com a seca da foz, dificultando a pesca e forçando os ribeirinhos a buscar outros mananciais.

Problemas relatados incluem a captação de água pela Ferbasa, morte de peixes, barramentos e cercas no açude, estiagem prolongada, contaminações por vazamento de óleo de caminhões-pipa e uso de agrotóxicos nas roças ao redor do açude. Esses conflitos socioambientais violam os direitos das populações locais e do próprio rio, ameaçando a autonomia comunitária e a sustentabilidade.

A abordagem dessa problemática implica discutir o silenciamento das vozes locais diante da exploração predatória dos recursos naturais pela mineradora. Buscamos, ao mesmo tempo, evidenciar as resistências protagonizadas por movimentos sociais e eclesiais atuantes na região, representados por Associações de usuários e pescadores, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar (SINTRAF) e Comissão Pastoral da Terra (CPT).

A proposta é, portanto, unir as vozes que defendem o açude e o modo de vida dos pescadores, destacando as lutas sociais violentamente impactadas e desmatadas em nome do "progresso" de um modelo de desenvolvimento predatório, liderado pela indústria mineral. Esse processo é essencial para compreender a complexidade da problemática nesse território específico.

“A luta começou quando o açude secou, aliás, não, o açude secou, foi há uns 6 anos mais ou menos o açude começou a secar aí a Ferbasa queria puxar água mesmo, aí a gente partiu para cima, nisso, a Ferbasa trouxe polícia, enfrentamos um bocado de gente, tivemos que chamar a CPT para arranjar advogado que nós não tínhamos, quem deu a entrada no ministério público foi eu mesma, era presidente dei entrada no ministério público, aí começou a luta prendeu gente aí muitas vezes a gente vinha pra cá os carros da Ferbasa passava na frente para não deixar a gente passar, trouxemos até também padre Luís para nos ajudar na época, padre Luís veio, fez uma conversa boa, a comunidade toda se envolveu, bastante gente se envolveu, fizemos passeata na Andorinha, pedimos ajuda ao prefeito e ele negou, na época o prefeito era Zé Branco, disse que não poderia ajudar pois tinha parceria com a Ferbasa... teve uma audiência em Campo Formoso quando a gente fez o acordo da Ferbasa só tirar água até a cota 389,67, a gente fez lá com o juiz em Campo Formoso, a gente fechou essa cota e quando chega essa cota que é no mês de Junho ou até antes, que as vezes chega antes, quando chegar nessa cota eles não podem mais puxar água, tem que retirar a bomba e procurar outros meios para trabalhar. Em questão de atos de resistência fizemos acampamento aqui na beira do açude, aí ficávamos revezando, 4 ou 5 para que a Ferbasa não viesse e ligasse a bomba, ficamos 2 meses aqui acampados, aí a gente teve ajuda de cesta para fazer a alimentação... A luta valeu a pena, tivemos vitória, graças a Deus... A associação se chama Associação dos pescadores do Açude Público Andorinha 2...” (ESS).



Figura 1: Pescador quando joga a sua rede (BONFIM, 2023)



Figura 2: Embarcações (BONFIM, 2023)



Figura 3: Pescador (BONFIM, 2023)

CARTOGRAFIA SOCIAL DOS PESCADORES DO AÇUDE ANDORINHA II



Figura 4: Mapa mental construído em reunião da Associação dos Pescadores para construção da Cartografia (Foto: BONFIM, 2023)

Este fascículo compila depoimentos de diversas viagens realizadas entre 2013 e 2024 pela região impactada pelo conflito hídrico em torno do açude. No processo de luta, a Associação de Pescadores e entidades de apoio traçaram várias estratégias para defender o Açude Andorinha II. Além de mobilizações e audiências, participaram de uma reunião do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru (CBHI), reivindicando

intervenção do Comitê. Como resultado, foi emitida uma moção solicitando que a Agência Nacional de Águas (ANA) mediante o conflito. A moção de recomendação emitida pelo CBHI à ANA requer uma revisão da outorga de água concedida à Companhia de Ferro Ligas da Bahia (FERBASA) para o beneficiamento de minério de cromo, estipulando que, em caso de escassez, a prioridade de uso das águas do açude seja para abastecimento público, pesca artesanal e dessedentação animal.

Os pescadores e moradores, que dependem há quase 40 anos do açude, pressionam os órgãos públicos e o Ministério Público do Meio Ambiente para que tomem providências. Em 04/08/2014, a empresa instalou uma bomba hidráulica no açude, operando por 15 horas diárias durante 25 dias ao mês, extraíndo toda a água remanescente. Agravando a situação, as licenças de captação foram concedidas sem consulta prévia à comunidade local e à Associação de Pescadores, colocando a população em condição precária.

Em resposta às mobilizações dos pescadores, a Ferbasa concordou em reduzir a captação de água de 160 m³/h para 30 m³/h, conforme determinação do Ministério Público Federal (MPF). O açude foi construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) para múltiplos usos, incluindo abastecimento humano e pesca. Entretanto, uma seca extrema entre o final de 2011 e o início de 2013 acentuou problemas socioambientais, levando à morte de rebanhos, perda de peixes e à descaracterização da ecologia local. Os pescadores alertavam para a persistência da seca com base em dados meteorológicos e nas mudanças climáticas.

Portanto, é fundamental que a concessão e atualização das outorgas considerem as condições ambientais e sociais vigentes. Reconhecendo os riscos ambientais iminentes, é crucial aplicar os princípios do Direito Ambiental, seja pelo princípio da precaução ou da prevenção, para evitar um colapso socioambiental iminente, como evidenciado no trecho a seguir:

“...Então precisa parar de puxar água! Limpar o açude quando secar mais, botar umas máquinas para limpar porque, um lugar do 1 metro, outro lugar é 2 metros. O maior desafio enfrentado nessa luta foi com a Ferbasa” (JNL).



Figura 5: Natureza (BONFIM, 2023)

CAMINHOS E DESAFIOS DO SER-TÃO:



**USO COMUNITÁRIO PELOS/AS
PESCADORES/AS X USO PRIVADO PELA
EMPRESA MINERADORA FERBASA**



LINHA DO TEMPO DO CONFLITO PELO USO DA ÁGUA DO AÇUDE PÚBLICO ANDORINHAS II



*“A gente luta porque o açude é o
que garante a nossa sobrevivência”*



CPT Bonfim - BA



Figura 6: Açude secando. Fonte: Arquivo CPT Senhor do Bonfim

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM ANDORINHA - BA



Figura 7: Acampamento às margens do Açude.
Foto: Antônio Célio de Castro. Arquivo CPT Bonfim -BA



Figura 8: Bomba colocada pela FERBASA. Fonte: Arquivo CPT Bonfim - BA

CAMINHOS E DESAFIOS DO SER-TÃO:



Figura 9: Açude Baixando sua Vazão. Fonte: Arquivo CPT Bonfim - BA



Figura 10: Açude Andorinha II (da Itê). Fonte: Arquivo CPT Bonfim - BA

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM ANDORINHA - BA



Figura 11: Assembleia de Avaliação, 2014. Fonte: Arquivo CPT Bonfim - BA



Figura 12: Mobilização. Fonte: Arquivo CPT Bonfim - BA

RECORTES DAS NARRATIVAS: UMA SÍNTESE DO CONFLITO

Este estudo analisa o impacto socioambiental e a ineficiência do Estado na gestão das águas do Açude Andorinha II sob a perspectiva da Ecologia Humana. O conflito expõe a ineficácia estatal em diversas áreas, como a omissão do DNOCS no cadastro de irrigantes e usuários do açude e a apropriação privada de recursos comuns, com expansão de cercas sobre suas margens, sem intervenção dos órgãos competentes. A ANA, por exemplo, só iniciou o monitoramento do uso das águas após pressão dos pescadores, enquanto a gestão municipal tem sido falha em controlar a retirada de água por carros-pipa, conforme previsto no marco regulatório do açude. Sinais de manipulação ambiental também são visíveis, como a morte de peixes e a contaminação por óleo.

A análise destaca a resiliência dos pescadores, que, conectados espiritualmente com a natureza, buscam forças para enfrentar os desafios impostos. A metodologia de Bardin permite uma análise que expõe a complexa rede de relações ambientais, econômicas, políticas e culturais na vida desses pescadores, enfatizando a necessidade de abordagens colaborativas. A pesca, fundamental para a sobrevivência local, enfrenta graves problemas com a escassez de água, a indústria mineral e barramentos.

De acordo com as narrativas, a pesca de espécies como tilápia, traíra, piau, crumatá, tambaqui, carí, beré, cabeça dura, bufão, corró ou panhari enfrenta desafios pela retirada de água pela Ferbasa, que, em conjunto com os efeitos da seca, levou à morte de peixes. A empresa é apontada como principal responsável pelo esvaziamento do açude, o que impacta a agricultura, a

dessedentação animal e a sobrevivência da fauna aquática. A comunidade pressiona os órgãos públicos e o Ministério Público do Meio Ambiente, reivindicando providências, e defende a suspensão definitiva da outorga ou, no mínimo, a manutenção de uma cota mínima de água no açude.

Outro ponto importante é a ameaça à biodiversidade, como a morte de peixes devido à escassez de água e aos impactos dos barramentos a montante, reforçando a necessidade de um monitoramento mais rigoroso e licenciamento adequado para evitar o rebaixamento do nível do açude e o assoreamento de suas margens.

Os conflitos com a Ferbasa exemplificam a disputa pelo uso da água, com a empresa priorizando suas atividades industriais mesmo em períodos de estiagem, desrespeitando a Lei das Águas, que prevê o uso prioritário para o abastecimento humano e a dessedentação animal. A Associação de Pescadores denuncia abusos e defende o uso comunitário da água, essencial para a pesca e a sobrevivência local.

Embora existam opiniões divergentes na comunidade, essa pluralidade reflete a diversidade de experiências e visões. A Associação de Pescadores fortaleceu sua organização, focando no interesse coletivo, denunciando abusos e promovendo a conscientização ambiental. Há também demanda por mais formação em defesa dos recursos hídricos e cuidado ambiental, visando engajamento e preservação.

Outros problemas incluem o uso de agrotóxicos e a contaminação por óleo, além da baixa vazão de água, que agrava os impactos ambientais. A presença de cercas no açude é uma preocupação, pois interfere no modo de vida dos pescadores e na

proteção da fauna. É fundamental que os órgãos competentes fiscalizem e garantam o respeito aos limites necessários para preservar o manancial e promover o uso sustentável dos recursos hídricos.

Questões como desmatamento e mudanças climáticas aumentam a vulnerabilidade da comunidade, comprometendo o equilíbrio ambiental. Essa conscientização sobre a necessidade de proteger o meio ambiente demonstra uma crescente percepção entre os pescadores, que veem a preservação do meio ambiente como parte fundamental de sua luta pela sobrevivência.

Em resumo, as narrativas revelam uma comunidade resiliente e determinada a enfrentar desafios por meio da organização coletiva e da defesa dos bens comuns. Os pescadores se posicionam como agentes de transformação social e ambiental, reivindicando seus direitos e denunciando as injustiças que ameaçam tanto seus modos de vida quanto a integridade do meio ambiente. Como enfatizam os pescadores:

“... as redes né... tem a 10,11 e 12, a malha. Tem aqui bastante gente que faz rede, quem não sabe fazer manda tecer” (GSR).

“Os peixes diminuíram. E isso tá ligado a baixa da água né, consumo da água, tá ligado ao consumo da água que é frequente, a mineração tira e associação também tira pra fazer o consumo de horta. Então isso prejudicou e diminuiu né? Prejudica e vai diminuindo ao longo da seca, vai diminuindo. É difícil, porque a água vai baixando e o limo vai aumentando e os espaços ficam menor né, o espaço de colocar a rede fica menos. O ideal seria uma cota mais alta, seria melhor, porque cada vez mais ela vai diminuindo né?” (LMA).

“... Já houve chantagem da empresa, na época do conflito os moradores tiveram suas casas arrombadas, a polícia carregou arma, prendeu gente... alguns senhores de idade, vieram várias vezes aqui, enfrentou a gente” (ESS).

“Os carros pipa também retiram água, entre municipal e intermunicipal que é os que levam a água pra os municípios, muitos caminhões de água por dia é de trinta a quarente caminhão por dia sai. Serve pra os bichos beber né, colocar nas bacias nas cisternas, tanque, pros bichos beber” (LMA).

“A empresa já chantageou os moradores, na época eles queriam secar aí o açude, deixar seco sem nada! Já houve morte de peixes, na época que ele secou! Porque a água fica pouca e aí eles morrem. Já tá começando a ficar meio ruim, por que a água está ficando pouca, aí vai ficando cada dia se Jesus não tiver dó... Mais difícil!” (VSA. Pescadora).

Os caminhões pipas tem alguns tempos que derramam óleo na água, teve uma vez que a gente veio em uma reunião aqui, a gente estava na beira da água e achamos óleo, até citamos aqui na reunião. Acredito que esse óleo prejudica, pois se o peixe chegar ali e se melar nesse óleo praticamente ele não vai resistir, ele vai morrer. Já houve morte de peixe, tem um bando de tempo, mas agora não, esses tempos tá quieto, não sei se é porque os peixes estão poucos, porque o açude tá raso. Não acho que tem desmatamento na beira do açude, praticamente não, só se for lá na ponta dessas barragens, mas acredito que não deve ser tanto, não é possível que muita gente vai se arriscar para fazer umas coisas dessas. No futuro para resolver a situação do açude seria a saída da bomba, porque uma bomba dessa daí ligada, praticamente quando o assunto tá cheio, na conta deles, antigamente era 24 horas por dia, depois das questões que

diminuíram mais, só que mesmo assim é muita água que sai, porque quando cheguei aqui, eu via eles puxando água de carro pipa, quase que não baixava tanto, porque de carro pipa sempre tem o intervalo de uma bomba para outra, já a bomba não, ela é ligada direto. Agora ela não tá ligada (JRS).

As vezes tem óleo dos caminhões e isso prejudica os peixes e já houve bastante morte de peixes aqui. Assim... É quando a água tá quente, aí junta com quando o óleo vai mais encima da água, aí o peixe chega pra beber o óleo, aí eles não resistem e morre. A empresa já chantageou os moradores. Na verdade, já, a empresa foi a pior coisa que existiu dentro desse açude aqui foi à empresa (FERBASA). A chantagem dela é que ela se achava por direito de ser dona do açude, ela quis fazer do que ela queria (GJ. pescador)

“Água tá pouca tá difícil, linha não tá mais dando pra botar, que tá pouca água, muito pescador, vai no anzol mesmo de vez em quando. São 2 metros não é de fundura, e tem lugar aí agora que não dá nem 1 metro mais. Então o impacto assim de pegar poucos peixes, o que acontece assim para sobreviver, você pegava muito peixe antes, então você conseguia ter uma vida mais agora tá difícil, a gente, de vez em quando arruma um trabalho fora na roça por que no açude tá difícil. Tem uns barramentos que não dá para a água chegar até o açude. Tem umas 5 barragens aí para cima. E tem a Ferbasa que tá puxando muita água aí. Tem o agricultor, tem uns 5 carros pipas que retira água para Andorinha Aí quando a água tá pouca morre os peixes” (JNL. Pescador).

“Já vi plantar milho, tenho visto aí abobora, já vi também melancia que morre tudo com essa água, tomate, tudo com água

aqui do açude. Tem uns que falam que não botam agrotóxicos.”

V S A

“Às vezes eles jogam água no carro pipa e quando eles enchem demais, ela sangra o pipa por cima e acaba colidindo. Aquele óleo que tem o motor, ou na parte do motor na gasolina, e colide pra dentro da água né? Ele prejudica porque vai matar a piaba, vai matar o peixe né? Que tem ali próximo né? Pode prejudicar de alguma forma.” (LMA)

“Jovem eu acho que é muito pouco, se tiver muito eu não conheço. Existem uns barramentos, algumas barragens, mas assim também vai impedir que não enchesse o açude né, vai depender de chuvas, no leito da bacia do açude né?” (LMA).

“Tem umas partes do açude que são cercadas outras é aberta. A área de preservação permanente acha que não está sendo preservada, acho que não é preservado porque são 200 metros. Muitas comunidades dependem dessa água, deve ser umas 50, 60. Tem muitos prejuízos para os pescadores, mas a gente se vira, vai para um lado vai para outro...” (FJS – Medrado – Andorinha -Pescador).

“O cercamento atrapalha de forma que você vai colocar linha e tem arame farpado dentro da água e acaba prejudicando o pescador, num é pra ter o arame dentro da água, o arame farpado. É pra ter o arame liso ou cerca de madeira. Quem coloca é os moradores da região que são circunvizinhos.” (LMA).

“Assim, só quando baixa muito a água né, que nem agora aparece um morto porque a água deve esquentar também. E hoje a situação da pesca não tá bom. Tem a bomba da Ferbasa que

permanece no açude. Puxa água para agricultores que cultivam feijão, tomate, melancia, cada planta tem uma época. O pessoal não usa agrotóxico é mais natural” (FJ S).

“A maioria aqui são pescadores né, ribeirinho!... Outros plantam, trabalha na agricultura na margem do açude né. Mas a maioria são pescadores. Tem uma média assim de uns 40 pescadores! E tem umas dez mulheres pescadoras também” (JF).

“Aqui nossa fonte de renda para toda vida foi o açude, para a gente como pescador, a gente se criou nisso daí, toda vida foi o açude...” (JRR Pescador).

“Nois aqui mermo só depende desse coitado mermo (AÇUDE), de repente nois vê que não tem peixe, um dia num pega nada, outro dia já pega dois, três, cinco quilo, seis, num mês você vai dar o quê... num é todo dia que nois pega essa quantidade, mais quando ajunta do mês mermo dá uns vinte quilo (EAL Pescador).

“A fonte de renda é a pesca, a forma de pesca, quem não tem emprego fixo na firma, tem a fonte de renda é pescar. Os pescadores daqui tem uma média de 25 a 30. E tem bastante mulher, quantas eu não sei te informar. Tem minha sobrinha que é Geane, tem Ojena que foi minha ex-cunhada, tem algumas aí que eu conheço” (LMA Pescador).



Figura 13: O pescador (BONFIM, 2023)



Figura 14: Igreja de Andorinha, BA (BONFIM, 2023)

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM ANDORINHA - BA



Figura 15: Primeira articulação com Pescadores (BONFIM, 2023)



Figura 16: Segunda articulação com Pescadores (BONFIM, 2023)



Figura 17: Filha de pescadores (BONFIM, 2023)



Figura 18: Oficina com pescadores do Sindicato Rural de Andorinha (BONFIM, 2024)

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE PESCADORES
E PESCADORAS ARTESANAIS EM ANDORINHA - BA



Figura 19: Paisagem Ribeirinha (BONFIM, 2023)



**LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS
COMUNIDADES E AÇUDE ANDORINHA II**





NARRATIVAS



1.1. FRANCISCO DE JESUS



Figura 21: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Francisco de Jesus Santos, tenho 52 anos e nasci em 1969, no dia 15 de agosto. Sou solteiro e natural da Fazenda Cajazeira, em Itiúba. Minha escolaridade é até a quinta série, mais ou menos. Meu pai se chama Manuel José dos Santos e minha mãe, Maria de Jesus. Atualmente, resido no Medrado, em Andorinha - BA. Faz uns 30 anos que moro aqui. Acho que o nome da comunidade é por causa da mineração, que deve existir há uns 40 anos. O açude significa renda para muita gente, já que ninguém é empregado fixo por aqui. Os primeiros moradores daqui plantavam para sobreviver, era o que faziam. Atualmente, a fonte de renda é a pesca. Eu pesco aqui e compro o peixe que

vem de fora para vender por aqui mesmo, sem sair para lugar nenhum. Acho que devem ter uns 40 pescadores aqui. Há algumas mulheres também, como a Zenaide e a Delice.

As espécies de peixes capturadas são tilápia, traíra, corró e outras, mas em menor quantidade. Geralmente, os peixes são comercializados por aqui mesmo. A tilápia custa 15 reais ou 12, e a traíra custa 10, nessa faixa. Na minha visão, a quantidade de peixes diminuiu; não é mais a mesma. A diminuição é porque a água está pouca e sem oxigênio. Quando o nível da água aumenta, eles produzem mais, e é assim que funciona. Pescar, na condição atual do açude, não será mais possível daqui a uns dias, se a (FERBASA) não parar de retirar água.

A cota atual deve estar em uns 20%, não tem mais do que isso. Agora mesmo, até o fim do ano, a pesca vai diminuir porque não tem muita água e há muita gente pescando. As principais formas de pesca são com linha, tarrafa e anzol. A pesca ajuda um pouco, e todo mundo pega um pouquinho. Eu mesmo pego e, se estiver em casa, as pessoas vêm comprar para revender. Assim, vou juntando uns trocados.

Existem umas barragens na cabeceira do rio. Eu sei que existem, mas não sei dizer quantas, porque não ando mais por lá; talvez sejam duas, três ou quatro. Também há cercamentos dentro do açude, mas isso não atrapalha. Além disso, os carros-pipa retiram água para as fazendas e moradores locais. Alguns fazem três, quatro ou até cinco viagens. Acho que seria necessário fazer um levantamento para saber o quanto de água é retirado, porque nem a prefeitura sabe. De vez em quando, aparece óleo na beira do açude, não sei se vem dos carros-pipa ou da chuva. Isso prejudica os peixes, mas nunca houve uma grande mortandade. Só quando

o nível da água baixa muito, como agora, alguns peixes aparecem mortos, provavelmente porque a água esquentou.

Hoje, a situação da pesca não está boa. Tem a bomba da FERBASA que continua puxando água para os agricultores cultivarem feijão, tomate e melancia, dependendo da época. O pessoal não usa agrotóxicos, é mais natural. A associação de pescadores deve ter uns cinco ou seis anos, mas não sei ao certo. Há partes do açude cercadas e outras abertas. A área de preservação permanente não está sendo respeitada, porque deveria haver uma distância de 200 metros, mas isso não é cumprido. Muitas comunidades dependem dessa água, talvez umas 50 ou 60.

Apesar dos prejuízos, os pescadores vão se virando. Um pega peixe, outro revende, e assim se cria um trabalho para mais pessoas. Quando não encontro peixe daqui, compro de Sobradinho ou de outros lugares. É uma luta, mas a gente consegue. Às vezes, o peixe daqui é melhor e mais caro, mas isso varia conforme a época. A luta dos pescadores não é mais como no início, mas seguimos tentando!



Figura 22: Ictiofauna em decadência (BONFIM, 2023)

1.2. GENIVALDO JOSÉ DOS SANTOS



Figura 23: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Genivaldo José dos Santos. Tenho 48 anos. Sou casado e não estudei. Meus pais são Maria e João. Nasci no Minador, em Andorinha, e hoje resido na Fazenda Careta há mais de 20 anos. Os primeiros moradores de lá são muitos, mas o povo mais velho que conheço na minha comunidade inclui a Libertina e outras pessoas. No entanto, a juventude de hoje não entende o sofrimento que passamos aqui. Trabalhávamos na roça, fazendo dias de serviço. Cada um se virava como podia.

Atualmente, acho que há uns trinta e poucos pescadores que ainda habitam os açudes. Mulheres devem ser umas 8 ou 10. As espécies de peixes capturadas são a tilápia, o corró e a traíra. Esses peixes são comercializados em Andorinha por valores entre 12 e 15 reais. A quantidade de peixes está diminuindo devido à falta de oxigênio e à redução constante do nível da água. Com a situação atual do açude, está ficando cada vez mais difícil. A cada dia, a água diminui mais, e, sem chuva, as coisas só pioram.

Aqui pescamos com malhas de 10, 12 ou 13, que são produzidas por umas 4 pessoas que fabricam redes. Comparado a antigamente, a pesca diminuiu muito. O nível da água foi baixando cada vez mais, e a situação ficou complicada para os pescadores. Sobre a associação, a maioria das pessoas que participam ainda pesca, mesmo que não vivam diretamente da atividade. Há poucos jovens envolvidos na pesca hoje em dia.

Existem muitos barramentos, talvez uns cinco ou seis, o que não é permitido, pois impede a água de chegar ao açude. Também há bastante cercamento dentro do açude, e a retirada de água por carros-pipa é intensa. Atualmente, cerca de 20 carros-pipa retiram água por dia, sendo parte para o município de Andorinha e parte para outros lugares. Às vezes, o óleo dos caminhões contamina a água, o que prejudica os peixes. Já houve casos de mortes significativas de peixes, principalmente quando a água está quente e o óleo se acumula na superfície. Os peixes acabam ingerindo o óleo, não resistem e morrem.

A empresa FERBASA foi a pior coisa que aconteceu para este açude. Ela já chantageou os moradores, tentando agir como se fosse dona do açude e quisesse fazer o que bem entendesse.

As nascentes da região são poucas, no máximo duas, e só descem água na época de trovoadas. A situação da pesca está muito difícil atualmente. A bomba da FERBASA permanece no açude, puxando água para cerca de 15 ou 16 agricultores. Há cercas instaladas dentro do açude, colocadas pelos donos das roças, que, mesmo sabendo que isso é proibido, as instalaram. Essas cercas causam prejuízos, especialmente durante enchentes, quando os arames prejudicam os pescadores. Além disso, o lixo na área está em grande quantidade, e a prefeitura deveria estar mais atenta a essa questão.

Vivemos uma luta constante para preservar o máximo que podemos. Pescadores e agricultores têm sofrido com a suspensão da água, e muitas comunidades dependem diretamente dela. Praticamente toda Andorinha precisa da água do açude. Os maiores desafios enfrentados nessa luta são causados pela Ferbasa.



Figura 24: Bomba aquática (BONFIM, 2023)

1.3. JOSÉ SILVA DE MATOS



Figura 25: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é José Silva de Matos. Tenho 52 anos e nasci em 17 de setembro de 1971. Estou solteiro e sou natural de Cansanção. Na verdade, nasci em Itiúba, mas fui registrado em Cansanção, então sou considerado natural de lá. Atualmente, resido na Fazenda Surará, em Andorinha. Minha escolaridade se limita à primeira série. Meus pais se chamam Ademar Ferreira de Matos e Maria Silva.

Quando o açude foi construído, eu ainda não morava aqui. Cheguei à região em 1991, após sua construção, e permaneço até

hoje. Passei um tempo afastado, mas sempre estive por perto. Trabalhei em uma empresa por um período e, depois, retornei à pesca, que atualmente é minha principal fonte de renda. Existem muitos pescadores na região, mas não sei dizer o número exato. Entre as mulheres, destaco algumas como Gélia, Delícia, Zenaide e Ivonete, além de outras cujos nomes não recordo.

Tenho um pequeno quintal onde planto capim e palma para os animais. Minha criação é modesta, limitada a porcos e galinhas. As espécies de peixes mais comuns aqui incluem carpa, tambaqui, traíra e corró. Há também outras que não consigo identificar. Comercializamos esses peixes principalmente em Andorinha, seja nas feiras ou diretamente nas casas dos clientes, por encomenda. Eu vendo tilápia a 13 reais o quilo no atacado e 15 reais no varejo. Já a traíra varia entre 5 e 6 reais, dependendo do tamanho.

A tendência é que os peixes diminuam devido à redução do volume de água no açude. Quando há mais água, a produção aumenta, mas a retirada pela empresa e pelos carros-pipa prejudica o nível do açude. O consumo de água pela empresa FERBASA é um grande problema, pois diminui o volume disponível tanto para os pescadores quanto para as comunidades que dependem dessa fonte. Os carros-pipa operam diariamente, inclusive nos finais de semana, abastecendo várias regiões, como Surará, Medrado, Barriga Mole e outras localidades próximas. Há até transporte para municípios como Uauá e Itiúba. Esse uso intensivo da água faz com que a quantidade disponível diminua rapidamente.

Já houve relatos de contaminação da água por óleo, embora eu não tenha presenciado. No entanto, a morte de peixes é constante, especialmente durante os períodos de calor intenso. Esses

fatores, somados a doenças que podem afetar os peixes, tornam a pesca cada vez mais desafiadora. Os cercamentos instalados pela comunidade ao redor do açude também geram prejuízos. Quando a água sobe, esses arames danificam as redes e tarrafas dos pescadores, que acabam arcando com o prejuízo. Além disso, há poucos acessos livres ao açude; a maioria dos caminhos passa por áreas privadas.

Se houvesse um maior volume de água no açude, cerca de 80% da capacidade, todos os pescadores teriam espaço para trabalhar, e a produção seria suficiente para sustentar as famílias. Contudo, com a redução da água, tanto a pesca quanto a agricultura são prejudicadas. A água é essencial para diversas comunidades da região e para outras localidades que dependem desse recurso.

O maior desafio que enfrentamos é convencer a empresa a deixar a água para nós. A Ferbasa nunca parou suas operações, mesmo quando o açude estava quase seco. Para nós, que dependemos da pesca para sobreviver, isso é extremamente prejudicial.

A pesca contribui muito para a economia local. Além dos pescadores, outros profissionais se beneficiam do comércio de peixes. Há também fabricantes de redes, embora essa atividade seja realizada por poucos. Enfim, a luta pela preservação do açude e pelo acesso à água é contínua. É nosso meio de sobrevivência, mas a escassez de recursos e os impactos causados pelo uso indiscriminado da água tornam essa batalha cada vez mais difícil.



Figura 26: Cais (BONFIM, 2023)

1.4. JOSÉ NILTON LOPES



Figura 27: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é José Nilton Lopes, tenho 46 anos, nasci em 1977 e estou solteiro. Sou natural da Fazenda Morro e moro aqui há mais de 15 anos. Estudei até a 6ª série. Meus pais são Egídio Marcos de Souza e Luciana Lopes de Souza. Nasci em Miguel Calmon, mas meus pais residem em Andorinha há muito tempo, então me considero um filho da terra.

Na comunidade, os moradores pescam ocasionalmente, quando conseguem encontrar peixe. Acredito que haja cerca de 40 pescadores na região, incluindo de 15 a 20 mulheres que também

pescam. As espécies mais capturadas são tilápia, traíra, corró e tambaqui, e são comercializadas principalmente em Andorinha e nas localidades próximas. O preço dos peixes varia entre 15 e 18 reais, dependendo do tamanho.

A falta de água tem dificultado muito a pesca. O nível do açude está tão baixo que, em alguns pontos, a profundidade não passa de um metro, e em outros, não chega nem a isso. Isso tem impactado diretamente a sobrevivência dos pescadores. Antes, conseguíamos pegar muitos peixes, o que permitia uma vida mais estável. Hoje, é comum precisar buscar trabalho na roça para complementar a renda. Além do baixo nível de água, existem barramentos que impedem a chegada de mais água ao açude. Há cerca de cinco barragens a montante, e a Ferbasa, junto com carros-pipa, também retira grandes volumes de água. Isso prejudica ainda mais a disponibilidade para os pescadores e moradores. Quando a água está escassa, os peixes começam a morrer, provavelmente devido ao aumento da temperatura da água.

A bomba da Ferbasa continua operando no açude, retirando água para cerca de 10 agricultores que cultivam milho, manga, melancia e outras plantações. Além disso, cercas instaladas no açude por pessoas que alegam ser donas do local causam muitos problemas. Essas cercas rasgam linhas e tarrafas, dificultando o trabalho dos pescadores, que acabam ficando prejudicados. A situação exige medidas urgentes. É necessário reduzir a retirada excessiva de água e, quando o açude secar mais, realizar uma limpeza adequada com máquinas para melhorar sua capacidade. Hoje, em alguns pontos, a profundidade não passa de um ou dois metros, o que reduz muito o espaço para a pesca.

O maior desafio enfrentado nessa luta tem sido com a Ferbasa, que continua retirando água do açude mesmo em situações críticas. É uma batalha constante para preservar esse recurso tão essencial para a sobrevivência das famílias da região.



Figura 28: Recorte da paisagem (BONFIM, 2023)

1.5. LOURENÇO MILITÃO ALVES



Figura 29: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Lorencão Militão Alves, tenho 52 anos e sou casado. Sou da região de Andorinha, moro há 23 anos na Fazenda Morros. Nasci em Senhor do Bonfim e estou cursando o primeiro ano do Eixo II do ensino médio.

Minha principal fonte de renda é a pesca, assim como de muitas outras pessoas que não possuem emprego fixo em empresas. Na comunidade, há entre 25 e 30 pescadores, além de muitas mulheres que também pescam, como minha sobrinha Geane e

Ojena, que foi minha ex-cunhada. As espécies de peixes mais capturadas são tilápia, traíra e, às vezes, carpa e crumatá.

Os peixes são comercializados na região de Andorinha, Bonfim e arredores, geralmente vendidos por quilo. No entanto, a pesca tem enfrentado desafios devido à diminuição do nível de água. Isso está relacionado ao consumo frequente de água pela mineração e pelas associações que a utilizam para irrigação de hortas. A seca reduz ainda mais os recursos hídricos, fazendo com que os espaços para pesca diminuam, dificultando o uso de redes e tarrafas.

Existem nascentes na região, como as de Jabuticaba e Várzea do Mateus, mas elas só possuem água durante o período de chuvas. Além disso, há um problema com os carros-pipa, que, ao transportar grandes volumes de água, acabam deixando resíduos de óleo ou gasolina que contaminam os corpos d'água, prejudicando a vida aquática.

A pesca hoje está estável, suficiente para garantir a sobrevivência, mas não como antes. A diminuição da água, associada ao aumento do limo no fundo do açude, dificulta ainda mais as atividades. Além disso, o cercamento do açude com arame farpado por moradores locais atrapalha a colocação de redes e linhas. O ideal seria o uso de arame liso ou cercas de madeira para evitar esse problema.

A bomba da Ferbasa continua operando no açude e serve à comunidade, mas há necessidade de políticas públicas para o controle da água. A mineração e os carros-pipa retiram grandes volumes — estima-se que de 30 a 40 caminhões por dia levam água para os municípios, cisternas e tanques usados para abastecimento de animais.

O que falta, na minha visão, é uma boa conversa. As pessoas precisam se unir, criar políticas públicas, e estabelecer um entendimento com a empresa, pois, apesar dos conflitos, também dependemos dela. Com união e diálogo, seria possível buscar uma solução que beneficie a todos.



Figura 30: Peixe (BONFIM, 2023)

1.6. VALDELICE GONÇALVES DE ARAÚJO



Figura 31: Pescadora local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Valdelice Gonçalves de Araújo, nasci em 1980 e tenho 43 anos. Sou natural de Itiúba e meu nível de escolaridade vai até a terceira série. Meus pais são Domingues Gonçalves de Araújo e José Francisco Gonçalves de Araújo. Minha mãe é de Itiúba e reside na Fazenda Pau de Colher já faz um certo tempo, minha mãe já fez agora 64 anos pelo o que me lembro. A minha fonte de renda é proveniente de uma atividade que venho batalhando durante um tempo, no caso a pesca, meu marido também trabalhava aqui, algumas vezes eu fiquei desempregada durante um período, levando a vida do jeito que Jesus queria.

Nesse açude existem duas mulheres pescadoras. As espécies pescadas são a tilápia, a traíra e o corró, utilizando linha de pesca. São comercializadas aqui mesmo, pelo valor de 15 reais. Eu sei fazer a linha de pesca, e as meninas do finado Lalá também sabem.

Existem barramentos, as barragens lá em cima, que retêm muita água e impedem que ela chegue até aqui. Há poucos jovens que pescam, não tem muitos, não.

Também tem os carros-pipa que retiram água, é um bando deles, passando vários por aqui. Tem dias em que passam mais, tem dias em que passam menos, mas a gente sempre vê. Muitos levam a água para os animais, que já estão com sede, enquanto outros levam para suas casas, para o consumo.

A empresa já chegou a chantagear os moradores. Na época, queriam esvaziar o açude, deixar tudo seco! Já houve morte de peixes quando isso aconteceu, porque, com pouca água, eles acabam morrendo. Agora está começando a ficar complicado de novo, pois a água está diminuindo e, se Jesus não tiver piedade, vai ficar mais difícil a cada dia.

Eu já vi plantar milho, abóbora e até melancia aqui, mas tudo morre com essa água. Também vi tomate, e alguns dizem que não usam agrotóxicos.

Há cercas dentro do açude, colocadas pelos moradores das roças e das margens do rio. Isso causa muitos prejuízos, porque as cercas se engancham nas linhas e as rasgam. Além disso, há gados que atravessam o açude e também danificam as linhas.

Para diminuir o impacto, seria bom não desmatar tanto, porque, a cada dia, o sol está ficando mais quente.

Apesar de nem sempre estar com saúde, eu gosto de lutar. Deus me dá força para continuar, e, graças a Ele, não sou preguiçosa.

Os maiores desafios enfrentados nessa luta é que uns querem, outros não querem, um fala uma coisa o outro fala outra. Não existe um consenso, mas, a gente venceu a luta, se não fosse essa luta, Deus o livre eu nem sei o que seria de nós, se essa bomba tivesse diretamente aí como tava do jeito que ia, seria complicado.



Figura 32: Peixe morto (BONFIM, 2023)

1.7. EDSON DA SILVA



Figura 33: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Edson da Silva, tenho 48 anos e sou natural de São Paulo. Cheguei aqui em 1983. Sou casado e tenho o ensino completo. A principal fonte de renda local envolve fazendeiros, pequenos criadores de animais, pescadores que vivem da pesca, e trabalhadores da mineração. Atualmente, estamos em torno de 30 a 40 pescadores, embora o número tenha diminuído porque algumas pessoas pararam de participar das reuniões. Além disso, há cerca de 10 mulheres ou um pouco mais que também participam dessas atividades.

No momento, pescamos a tilápia. O peixinho que o pessoal chama pelo nome de Corró, Traíra. No momento só me lembro desses peixes. Eles são comercializados aqui na região mesmo. Na maioria vizinha mesmo aqui. Os peixes estão diminuindo pela falta de água. A pesca é realizada principalmente com redes, conhecidas localmente como linhas, e também com anzóis. No entanto, o número de anzóis disponíveis é bastante limitado. Além disso, os jovens pescadores têm se tornado cada vez mais escassos, refletindo a redução do interesse ou das condições para a prática da pesca.

Os barramentos têm atrapalhado o enchimento do açude. Pelo que eu sabia, achava que havia apenas três barragens, mas agora já são cerca de 13. E são grandes, viu! Além disso, há também a constante retirada de água por carros-pipa. Sai muita água; não sei dizer o número exato, mas cada caminhão faz, em média, umas oito viagens aqui. Essa água é destinada aos moradores da região que não têm acesso a fontes de abastecimento, ou para dar de beber aos animais, colocando-a em tanques de chão.

Recentemente, há cerca de um mês e pouco, foi observado óleo na água. Por enquanto, isso não prejudicou os peixes, mas, se o derramamento continuar, poderá causar danos ao ecossistema e comprometer ainda mais a qualidade da água.

A pesca não está boa, não. Muitas pessoas que antes vinham para pescar acabaram indo embora, porque o peixe tá difícil. A água tá baixa, com certeza! A bomba da Ferbasa ainda está no açude, retirando água para abastecer as comunidades. O pessoal planta tomate, coentro, e tudo orgânico mesmo.

Tem muito desmatamento na beira do açude, e isso prejudica bastante, com certeza! As pessoas armam malvas, mas o

problema é que, quando colocam veneno para matar a malva, na época das chuvas, esse veneno desce para o açude e acaba matando os peixes, o que não é nada bom. E tem as cercas, que também estão erradas, porque, à medida que o açude seca, vão avançando com as cercas até dentro do leito do rio. Já teve gente que se machucou com isso.

Na região, tem cerca de três comunidades, ou mais, com acesso por aqui, pelo Medrado e pelo Careta. Acho que precisa suspender a outorga da Ferbasa, porque, antigamente, a gente tinha mais água. As barragens nas partes superior do rio também atrapalham, porque não deixam a água chegar aqui. E com a falta de chuva, a situação só piora.

A retirada de água pelos carros-pipa também é grande. Sai bastante água, às vezes umas oito viagens por caminhão. Essa água é levada para moradores e para os animais, que precisam dela pra sobreviver. É importante regular essa retirada. Hoje, tá puxando água de uma cota muito baixa, e isso acaba comprometendo o açude e todo mundo que depende dele. Uma cota mais baixa não tem como, puxar só a água. Então o ideal é suspender, né? A ANA suspender a outorga.

1.8. JOSÉ FRANCISCO DA SILVA



Figura 34: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é José Francisco da Silva, tenho 65 anos e sou natural do Rio Grande do Sul. Moro aqui há 45 anos e sou casado. Tenho o primeiro grau completo.

A maioria das pessoas daqui é de pescadores, ribeirinhos mesmo! Outros trabalham na agricultura, plantando nas margens do açude. Mas, no geral, a pesca predomina. Estimamos que haja cerca de 40 pescadores e, além deles, umas dez mulheres também atuam como pescadoras.

Os peixes mais capturados aqui são a tilápia e a traíra. Eles são comercializados principalmente na própria localidade, mas também na sede, na cidade e nos povoados próximos.

Ah, tem muito peixe! A quantidade de peixe aumentou, tem bastante peixe por aqui. Acredito que isso aconteça porque não há muitos predadores, como o tucunaré, por exemplo. O tambaqui é um predador, ele come os outros peixes. Esses peixes, como o tucunaré, estão por aqui.

Os pessoais pescam com linha e anzol. Atualmente, não é permitido pescar com tarrafa, né? Somente nos sábados e domingos. Hoje em dia, são poucos os jovens que pescam. Se tiver, são no máximo uns 10. Acredito que existem umas três grandes represas por aqui, e elas atrapalham o açude. A empresa que retirava água não está mais fazendo isso como antes; ela está puxando apenas 4 horas por dia, mas agora é para uma associação, outra associação que temos aqui em cima. São agricultores que trabalham com a agricultura familiar, plantando tomate, banana e mandioca. Só não plantam cebola. Também cultivam cheiro verde, como coentro e alface.

Eu acredito que há muitos caminhões-pipa retirando água por dia. Não sei exatamente quantos, mas acredito que sejam cerca de 10 caminhões, e a água é destinada às comunidades rurais, mais ou menos. Quando os caminhões-pipa chegam, eles não derramam óleo nas margens do rio, e a gente acompanha isso de perto. Neste período de calor, alguns peixes morrem, mas isso é mais por conta do calor. A água esquentada, como sou criador e tenho uma piscicultura aqui, é preciso ter cuidado. Às vezes, a gente encontra um ou dois peixes mortos no açude, mas é mais por causa do calor.

Existem muitas comunidades aqui ao redor, tanto deste lado quanto do outro lado do rio. São cerca de 20 comunidades no total. Existe esse acesso aqui, e também tem o acesso pela Fazenda Careta, lá. A empresa não está retirando água... só para nós, aqui da associação, e por 4 horas por dia. Mas o sistema dela está fechado, ela não puxa água para ela. Em junho agora, fez 2 anos que ela está sem água daqui, entendeu? O cano da bomba está ali, mas ela está puxando água só para nós. Daqui a pouco, ela vai ligar. Quando vocês passarem, vão ver uma caixa azul por ali; a água vai para essas caixas. Daí, dessas caixas, ela é distribuída, entendeu?



Figura 35: Peixe morto (BONFIM, 2023)

1.9. ELIAS AMARO DE LIMA



Figura 36: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Elias Amaro de Lima (*in memorian*) mas só me chamam pelo apelido de Ceará. Tenho 49 anos e resido aqui a mais ou menos 10 anos. estou em uma relação estável. Eu sou natural de Pernambuco, não tenho escolaridade. Moro mesmo é no Medrado.

Nós dependemos apenas desse coitado desse açude. De repente, a gente percebe que não tem peixe; um dia não pega nada, no outro pega dois, três, cinco, seis quilos. No final do mês, o que você vai conseguir? Não é todo dia que a gente pega essa

quantidade, mas, no total, no mês, dá uns vinte quilos, no mínimo.

Tem mais ou menos 42 pescadores se não me engano, mas nem todos esses 42 são frequentes. E mulheres pescadoras aqui tem, essa aqui do lado, a outra colega dela que pesca junto, ou seja, duas mulheres, A mulher desse Zé Beto que veio carregando uns pães também pesca, além delas tem Zenaide e Edelice, de resto a maioria é tudo homem, só duas mulheres que pescam juntas com frequência.

Aqui mesmo, os peixes que a gente captura são a tilápia, como a gente tava conversando, a crumatá e algumas carpas que tem. A gente não usa os outros que tem, como o bufão e o cari, que nem falei antes, a gente não utiliza eles. Esses peixes são vendidos aqui mesmo na nossa comunidade, quando tem alguma encomenda. Aí, quando a gente faz a pesca, a gente já vende pros vizinhos ou até pros parentes que moram na nossa rua. São treze casas, tudo família: cunhada, genro, neto, entendeu? Todo mundo mora ali, e a gente deixa por lá mesmo.

Na média, por semana, a gente ganha uns 200 a 250 reais, mas não passa disso. Tem semana que, às vezes, nem chega a essa quantia, né? Porque tem época que você chega aqui e, nem a gasolina que você gastou, você consegue tirar. Eu acho que os peixes são sempre os mesmos, sempre na mesma quantidade. Você tira um, mas de repente percebe que é a mesma quantidade de peixes, porque se os bichos não se alimentarem direito, pode ser que o açude seque. Mas, se Deus quiser, quando vier a chuva, todos os peixes vão sair, inclusive os ovos que eu soltei. É tudo igual. É como aquele ditado, né? Se no lugar tira e não repõe, a situação fica difícil.

Antigamente, lá onde eu morava, em Pernambuco, eu pescava em locais que aqui não existem. Saía sem canoa, porque naquela época não vendia canoa por lá. Eu ia para as Docas, mergulhava e pegava os peixes nessas cavidades. Aqui, como você disse, é diferente, é só na canoa. Você põe as linhas e vai embora para casa, só volta mais tarde ou no dia seguinte, como o rapaz estava comentando sobre os peixes mortos. Aí, só volta para olhar no outro dia. Quando eu não arrumo serviço para acordar cedo, eu vou à tarde, que aí estou em casa e posso mexer no celular. Vou à tarde, volto, e, se não arrumar mais nada, agora estou trabalhando na casa de uma neta minha, que comprou uma casa. Quando saio daqui, vou direto para lá.

Se o nível da água baixar mais, vai dificultar, porque, conforme a água vai baixando, ela esquentando, e os peixes vão morrer por falta de oxigênio. A pesca por aqui é só com linha, eu só pesco com linha mesmo. Tenho uma tarrafa de 4kg, mas parei de pescar porque não compensa vir, já que não está pegando nada. Você vê os coitados que têm que sair quase de madrugada, igual da última vez, para pegar dez peixinhos, e nem isso conseguiram, não serviu. Pegaram dois peixes e mais três linhas. Aí, quando ele se mexe, dá alguma coisa, mas quando não se mexe, fica igualzinho, as linhas vêm do mesmo jeito que saíram de casa. Às vezes, não dá nem para pagar a viagem.

Se eu fosse comprar para você, você ia me vender por uns 200 reais, você compra o carretel de linha 33 reais, 1 kg de boia é 5 real um centro, e ainda sobra pra fazer uma linha, o tamanho zero cem é 50 reais, um dia desses pode ir lá onde a gente faz, fica em torno de 100 reais para nós.

Eu creio que o mais jovem que pesca aqui, pelo menos daqui de cima, né? Como eu acabei de te dizer, lá é outra história. O mais

jovem que tem aqui sou eu, porque essa senhora aqui é mais velha do que eu, a outra senhora também é mais velha, e esse rapaz também é mais velho do que eu. Agora, sobre a cerca que nem você viu eu mostrando ali, não sei de onde vem, mas não dava para nós mudar, porque é muita cerca. O problema não é problema para nós, mas ao mesmo tempo é um problema, porque, por causa disso, não conseguimos ir para mergulhar. Vai ter que puxar, e só sai os cordões, e os pedaços ficam todos lá, enganchados. É o próprio morador que coloca a cerca.

Aqui tem um, tem outro, dois, lá, como eu disse, mais fortes, três, quatro, na beira da água mesmo, cinco motores que eles ligam, né, quando querem. E aqui não é para (não entendi), porque eles não criam peixe. Esses tanques de lona aí são todos para criar peixe, e depois pegam os peixes de lá.

Não. Nós tentamos fazer isso no começo, logo no início, antes de diminuir essa quantidade, que agora está baixa assim, mas aí chamamos a prefeitura. O mês já tinha passado, e já dizia que era público, que o governo manda na prefeitura, pode-se dizer. Assina lá na prefeitura, o prefeito, o tal do Renato Brandão, dizia que nós não podíamos fazer isso, porque já tinha sido provado, aí todo mundo entende, mas também tinha que ter um.

São quatro nascentes, mas lá no caso, nós só vimos duas, né? Como eu falei, essas fazem parte das barragens lá. O Co (não entendi), o outro Co... e o seu Olímpio, que até o outro rapaz falou que conhecia ele. Agora, o nome mesmo, aí... Tem, tem sim, porque nós não deixamos de fazer, né? Umás barragens, você sabe... se esses caras que têm maquinário quiserem, podem fazer barragem do tamanho que você quiser.

Aqui tem muitos caminhões-pipa, mais ou menos uns cinco, contando com o da prefeitura. Tem um caminhão do mesmo tamanho do da prefeitura, que é azul, todo mundo conhece, mas eu esqueci o nome do motorista. Aí tem outro que mora aqui, que nem o seu..., sai daqui e você já vai ver ele. E mais dois caminhões que vêm de fora.

Tem os pescadores que chegavam de fora... cedinho, tinham pescadores que vinham pescar aqui. Aí eu vi aquela nata de óleo. Mas ninguém pensou em pegar o celular para fazer uma filmagem, né, e mandar para alguém, para tomar uma providência sobre isso. O óleo prejudica, porque aquela nata fica ali e, de repente, fica só ali na superfície da água. Não afeta o nível, mas se ela descer para baixo, quando acabar tudo, os peixes morrem todos, principalmente aqueles que ficam sem oxigênio. Aqui agora não tem mais, mas antigamente tinha, porque já cortaram tudo, os paus, os pés de algaroba, essas coisas. Desmataram tudo. Mas antigamente, logo no início, diziam que era para... (não entendi), até o pessoal da Ana, as margens aqui do rio, aí a gente mandava deixar os paus que não podiam derrubar, né? De repente, vinha o IBAMA e outros órgãos, e a gente ia pagar até uma multa.

Eu acho que a cota poderia ser, dessa cota mesmo, que não vou dizer que está ruim nem boa, mas, se Deus mandasse uma chuvinha, né, pelo menos a água ficaria mais abundante, e aí ficaria melhor.

Para os fazendeiros também, mais comida para os animais, né? Porque do jeito que está, a situação não está boa.

Nessa situação atual, hoje, o senhor acha que prejudicou os pescadores e agricultores? Prejudicou, e como! E ainda está

prejudicando, mas a gente, né... a gente não gosta de dizer que está bom ou ruim, mas, para mim, está ruim.

Há um problema relacionado a um processo, inclusive sobre a questão da bomba, né? O público, né, sei lá, mas a gente não pode nem cobrar da empresa nem fazer nada, porque, se quiserem, que façam alguma coisa no processo que está em andamento.

A empresa não quer saber disso, sabe como é esse negócio de empresa. Quanto mais ela puder fazer, melhor para eles do que para nós. Se eles tivessem entrado em acordo conosco e com os outros confrontantes, como os fazendeiros, por exemplo, aí a gente poderia sentar, como estamos aqui agora, para conversar. Aí sim, a gente ia combinar, de um jeito ou de outro. Porque a empresa, pelo menos, tem condição de cumprir o que prometeu: todo mês, eles disseram que iriam nos dar uma cesta básica.

Entendeu? Para a gente não ficar dependendo, porquê veja a nossa situação. A nossa situação também não está fácil, como já mencionei. A relação com eles e com a empresa está difícil. Começaram a nos ajudar, mas depois parece que até nos tratam como se fôssemos cachorros, e isso é muito ruim para a gente.

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM ANDORINHA - BA



Figura 37: A espera no Porto (BONFIM, 2023)

1.10. ROBERTO CARLOS ALVES DE ARAÚJO



Figura 38: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Roberto Carlos Alves de Araújo e tenho 55 anos. Tenho família, mas, casado no papel não, porém, tenho família. Sou natural de Andorinha mesmo, desde que nasci, que quando eu nasci aqui ainda era Senhor do Bonfim. Estudei até a 5ª série. Andorinha não era nem cidade, entendeu? Aí passou a ser cidade. Conheço tudo aqui, nasci aqui pertinho do açude mesmo, tem a rocinha ali do meu pai ainda. A maioria do tempo é quando eu não estou pescando, eu tenho canoa, tenho linha, tenho a pescaria. Quando eu não estou pescando, eu estou trabalhando, agora mesmo eu estou empregado, entendeu? Mas quando saio da empresa, sempre... trabalho nas terceirizadas, na Ferbasa aí... vão saindo eu venho pra cá... Entendeu?

Rapaz nós aqui temos a pesca como fonte de renda, o açude, e tirando isso aí, é a empresa Ferbasa que fornece né... com essas terceirizadas, emprega muita gente. Hoje aqui deve ter uns 40 pescadores. E tem mulheres pescadoras também, tem uma aqui, a minha mulher, ela pesca desde que veio lá do outro açude lá, ou seja, ela é pescadora desde criança também, e assim como eu tem tudo. O nome dela é Zenaide, faz tarrafa, faz tudo.

Aqui pesca tilápia, corró, traíra, algumas carpazinhas, esses peixes estão aí, mas vão embora logo. Que elas não reproduzem né, eles colocam aí devido o tempo, o pessoal vai pegando, vai pegando e elas só vai diminuindo né? E são comercializados aqui mesmo, aqui mesmo. É no quilo.

Rapaz, pra gente aqui dá pra se manter no caso, um pouco né. Os peixes não aumentaram não, porque agora o açude meu irmão tá na situação que tá né, nós estamos vendo aí. Não temos muito espaço pra pescar, então o peixe não foi botado mais, esses dias não foi colocado peixe, que fecha a pesca anual né, que fecha em dezembro, janeiro e fevereiro. Mas esses dias pela situação que tá, não sabemos como é que será nesse ano, já que o açude está com pouca água, tá devagar, o peixe tá pouco, não sei se tem aproximadamente uns 10 jovens pescadores. De 20 anos pra trás. Têm umas 5, 6 barragens que eu vejo o pessoal falando aí.

A bomba ali tem a tubulação que leva a água para molhar o minério. Existem também os carros-pipa que fornecem água para o município. Nesse período de seca, são necessários cerca de 8 a 10 carros-pipa. Muitas vezes, a água é destinada para as pessoas que criam animais e não têm água nos tanques, para que os bichos possam beber. A água vai para as fazendas.

Inclusive, há um riacho ali, chamado Riacho do Roncador. Estávamos discutindo antes que, se fosse aberto um canal ali, a água desse riacho poderia ser direcionada para o açude, o que beneficiaria muito a gente. A água já sai lá de fora e vem por um lado, caindo abaixo da parede do açude, mas se ela caísse aqui na frente, a situação do açude seria muito melhor. Isso ajudaria muito.

Além desse riacho, há outros próximos, como o Rio do Bom Dia, que alimenta o açude, e o Rio Jabuticaba, que é o principal e tem as barragens lá em cima, que foram construídas. Em 2013, o açude secou completamente, ficou só barro. E até agora, a situação está assim. A Ferbasa não está captando água nesse período, mas ainda fornece para os ribeirinhos aqui, que somos nós.

Eu, por exemplo, estou nessa área onde a gente planta algumas coisas, como tomate, milho, feijão, quiabo, entre outras. Uma parte da produção é acompanhada por técnicos. A gente não usa veneno.

Uma solução seria a abertura de um canal para direcionar a água do riacho, o que já seria um grande passo. Quanto às barragens, não tem mais o que fazer, pois já foram feitas lá em cima.

Precisamos agradecer por essa parte, mas também poderíamos pedir que a retirada de água fosse autorizada com uma cota bem mais alta, para que tivéssemos mais água aqui, o que ajudaria bastante, inclusive com os peixes. Você sabe que, do jeito que está agora, a situação está difícil, e o peixe também está sofrendo. Se tivermos um volume de água adequado, podemos manter os peixes e tudo o mais, né?

No caso, seria bom tanto para ela quanto para nós. Quando o açude estivesse cheio, que agora não está, o ideal seria ter pelo menos uns 390. Isso, para mim, seria o ideal. Com 390, tanto a pesca quanto a agricultura seriam favorecidas. Todo mundo ganharia, e ela também se beneficiaria.

1.11. ISMAEL RODRIGUES DA SILVA



Figura 39: Pescador local (BONFIM, 2023)

Sou Ismael Rodrigues da Silva, tenho 65 anos. Nasci em 1958, perto da Igara, no açude de Sohen. Moro aqui há cerca de 15 anos. Não possuo escolaridade, nunca estudei, só aprendi a assinar o nome mesmo, com uns garranchinhos. O nome do meu pai é Manuel Rodrigues da Silva e o da minha mãe é Djanira da Silva. Meu pai nasceu em Santa Rosa de Lima e minha mãe nasceu no Campo Comprido. Atualmente, resido aqui, na fazenda Careta, há aproximadamente 15 anos. De Medrado à Careta são mais ou menos 15 quilômetros. Eu não sei explicar o motivo do nome do açude. Não sei explicar bem o nome, porque,

quando ele foi construído, eu não morava por aqui. Naquele tempo, eu morava mais para lá, porque faz muitos anos que foi feito. Rapaz, eu não sei, não sei lhe explicar por que botaram esse nome aí. Eu realmente não sei. A fonte de renda daqui envolve fazendeiros e pescadores. Para quem vive da fazenda, é o fazendeiro, e para quem vive da pescaria, é o pescador. Os pescadores aqui da região são poucos, não são muitos, não. Para viver exclusivamente da pescaria, pelo que vejo, acho que são menos de 10 pessoas.

Aqui tem mulheres pescadoras, umas 4 ou 5. Conheço uma chamada Eugênia, outra Geane, outra Ivanete, e tem mais, acho que passam de cinco. A mulher do Dainho e a mulher do Zé Beto. As espécies de peixes encontradas por aqui são a traíra, o pilaque e o corró. Esses peixes são comercializados daqui para Andorinha, Medrado e também nas roças da região. Sobre o valor dos peixes, quando nós mesmos pescamos para entrega, vendemos a 12 reais, e eles são vendidos a partir de 15 reais, acho que algo em torno disso. Porém, os peixes diminuíram bastante. Acredito que seja por causa da água, que está ficando pouca. Não é porque não tinha peixe, não. Peixe tem.

Atualmente, faz umas três semanas que não pesco mais aqui. Já estou indo pescar fora, lá em Pinhões, porque aqui diminuiu e não está dando. Enquanto houver água, há peixe, e a gente vai pescando, né? Porque é o nosso ramo. Mas, cada vez mais, o nível das águas vai baixando, e a quantidade de peixes também vai diminuindo. As formas de pesca aqui são a linha e a tarrafa. A tarrafa pesca menos; já a linha pesca mais. Aqui mesmo, para nós, são poucos os que fabricam redes. Agora, lá em Medrado, tem quem faça. Quando precisamos, compramos o carretão e mandamos as pessoas de fora, de Piau, aqui do lado do

Carrancudo, tecerem para a gente. Pescadores jovens são poucos, não tem muitos, não.

O número de jovens aqui é pequeno, porque a maioria deles está empregada em outros lugares. Como estão empregados, são poucos os que se dedicam a isso. Dizem que existe um barramento ali na Laje do Rio, onde há muitas barragens para visitar, mas nunca tivemos tempo de pesquisar, e também fica longe para a gente.

Não tem acesso para andar de carro, nem mesmo pelos caminhos por dentro das roças dos outros, sabe? Então, a gente não vai. Sobre cercamento, há cercas que eles colocam dentro dos rios, dentro do açude, e isso prejudica bastante. Quando o açude enche, os arames ficam, e se a gente lança uma linha, acaba rasgando tudo. Rasga tudo o que fica no fundo, e ninguém pode ir lá tirar a linha ou os arames de roseta.

As formas de retirada da água, quando o açude tem muita água, são por meio de bombas, que puxam água para a Ferbasa, e também pelos carros-pipa. Esses carros-pipa levam água para o pessoal do município de Andorinha, para todos que precisam, né? Não sei lhe explicar direito se houve alguma chantagem em relação a isso. Também não sei o número de barragens. Existem nascentes, mas elas são afastadas. Tem uma que nasce lá em Jabuticaba, e outras que nascem aqui pelos arredores, mas não sei exatamente onde ficam. Os riachos que têm por aqui ajudam, jogando água para dentro do açude quando chove, né?

Sobre os caminhões-pipa, também não sei ao certo, porque eles têm saído mais por aqui pela barragem. Eu moro lá para o outro lado, e é difícil chegar até lá, porque o acesso está ruim. Muitos que tentam passar acabam atolando. Sempre tem caminhões-pipa

que pingam óleo. Não tem como evitar isso. A gente encontra peixes mortos, e isso acontece frequentemente. Talvez seja por falta de oxigênio na água ou por causa do óleo, né?

A bomba da Ferbasa ainda está lá, mas dizem que está parada há algum tempo e até desmantelada. Por sinal, passou um guincho para aquele lado, e não sei se foi para retirá-la, né? Aqui, o pessoal planta tomate, alface, coentro e, às vezes, um pé de abóbora. Não, daqui mesmo não se usa agrotóxicos. Tudo é natural. Usam adubo feito com esterco de gado.

Para evitar a diminuição das águas e melhorar a situação, só se as barragens não existissem. Toda a chuva que cai aqui vai para as barragens, e, se não tivesse essas barragens, a água iria direto para dentro do açude, né? Mas aí é uma coisa que não podemos fazer nada. A empresa, só o que ela faz mesmo aqui é tirar; colocar, ela não coloca. Não adianta, não tem outra coisa para fazer, porque já teve seca e ela não limpou.

Agora, com água, também não limpa, né? Mas aí é uma coisa que não podemos fazer nada. A empresa, só o que ela faz mesmo aqui é tirar; colocar, ela não coloca. Não adianta, não tem outra coisa para fazer, porque já teve seca e ela não limpou. Agora, com a água, também não limpa, né? O ideal seria parar de tirar água, para aumentar a cota, porque, se ela não tivesse puxado tanto, ainda teria muita, fosse só para o consumo dos animais beberem ou para um carro-pipa levar para o pessoal. Assim, ainda teria muita água.



Figura 40: Embarcação (BONFIM, 2023)

1.12. MARIA DAS NEVES DA SILVA



Figura 41: Pescadora local (BONFIM, 2023)

Sou Maria das Neves da Silva, tenho 53 anos. Nasci em 11 de março de 1966, no município de Andorinha. Na época em que nasci, era Senhor do Bonfim, mas hoje, como aqui é cidade, é Andorinha. Mas na época, tudo por aqui era Bonfim. Sempre morei aqui, desde criança. Estudei até a oitava série. O nome da minha mãe é Maria Madalena dos Santos e o meu pai é Solino Marcelino dos Santos. Acho que o nome do açude foi dado pela construção, quando fizeram ele, para não ficar sem nome, mas deram esse nome.

Na época em que foi feito, acho que a Ferbasa participou, não sei se a prefeitura também participou, mas deram o nome de ITÊ. Eu não sei o significado, mas tem o nome de ITÊ agora. Acho que foi por isso, para ter um nome próprio, né? Porque cada comunidade tem que ter o seu nome. Então, aqui ficou o Açude da ITÊ. A fonte de renda local vem da Ferbasa mesmo. Mas os pescadores, depois que o açude foi feito, começaram a colocar peixe, e a fonte criou os pescadores. Foi aí que foi criada a associação, a associação dos pescadores, que se mantém até hoje. A dificuldade que tivemos, na época em que o açude secou, foi real. Foi uma dificuldade muito grande. Eu participei da seca, participei de algumas reuniões aí na beira do açude, que eram sobre a luta com a Ferbasa para que ela não tirasse água, mas ela continuou tirando e a gente protestava para que não tirassem, e continuavam tirando, até que o açude secou.

Mas não foi só por causa do que a Ferbasa tirava, foi porque veio a seca mesmo, sem chuva. Há quase 4 anos sem chover e o município ficou um destroço, quase nessa área, porque morreram animais. Só não morreu gente porque foi na época em que já tinha a Embasa e ela fornecia água para as pessoas nas casas. Cada pessoa tinha o direito de receber 1.000 litros de água na sua casa, em todas as casas da comunidade.

A Embasa colocava 1.000 litros em cada casa para o mês todo, para você dar banho nas crianças, para você lavar roupa, para você dá até aos animais, se tivesse na porta, se não tivesse outro lugar para dar. Quem tinha represa grande, acho que ainda levou até uns 2 anos, mas depois de 2 anos morreram muitos animais, morrem gado, morreu animal pequeno, muita coisa. Foi uma perda muito grande para a região, depois que ele secou, que antes estava cheio, antes a pessoa vinha dar água. Era aí na beira do

açude, e com ele seco, não tem como vir, porque o único ponto de água mesmo é aqui, não tem outro açude.

Com essa associação aí, eu não sei quantos pescadores tem, não participo direito das reuniões. Então não tem nem como ter o controle na lista direito, porque eles não estão participando muito. São quase todos pescadores. Eu acho que eu não sei se você já viu a lista, mas tem bem pouquinhos. Mulheres tem muitas, eu não sei se chega a 10, mas por ser mulher, até que são muitas, mas eu acho que tem mais homens do que mulheres. As espécies de peixes encontradas por aqui são a traíra, o pilaque, e eles vendem nas casas para o pessoal mesmo. Eu mesma já comprei e nós temos um tanquinho ali, que meu marido botou uns peixinhos.

A gente pesca, come e às vezes até vende, porque ele comprou os girinos, os peixinhos novinhos, e botou lá. Então a gente faz isso, mas do açude mesmo, o pescador tem que pescar e passar para outras pessoas, vai passando e vendendo. A gente vai, compra e vai ajudando. Os preços diminuíram, não sei se é por causa da água que está pouca, porque eles estão escondidos, por causa da sombra, e eles vão procurar a sombra que, devido ao calor, acho que a água esquenta. Eles vão para o lugar mais fresco, na lama ou debaixo das pedras, e os pescadores estão reclamando que não estão achando os peixes, então deve ser por causa da pouca água. As formas de pescar são de linha e não tem muitos jovens pescadores, tem mais esse pessoal aí, os senhores. Existem duas barragens, tem duas bem grandes que as barragens quebraram na época da chuva, não sei se foi em 2014 ou foi em 2019, que choveu bastante e elas quebraram. Eu acho que as barragens prejudicam um pouco, porque elas têm que encher primeiro para poderem sangrar e o açude vir tomar mais água.

Daqui do açude, a retirada é através do caminhão-pipa. Eu não sei dizer quantos caminhões são, mas eu acho que sai bastante, agora mesmo, na crise da seca, vai para a comunidade das pessoas nesse estado também, que agora a região está seca, está muito seca. Não houve nenhuma ameaça aos moradores. A empresa hoje não puxa mais água, está desligada. A bomba da empresa não está puxando, ela está puxando dos poços dela, aí está se mantendo com ela mesma. Hoje em dia, ela até deu a redução para o pessoal que mora aqui, que é quem está tomando conta. Ela é quem liga a bomba, é quem desliga. Tem uma pessoa que auxilia isso, para ligar e desligar, para que eles não fiquem sem água, porque aqui não tem Embasa, tem só no Medrado, no povoado que tem a Embasa, mas aqui não tem.

Os caminhões-pipa não derramam óleo. Eles enchem com o motorzinho deles, o motorzinho que eles carregam em cima do caminhão. Agora não, não houve mortes de peixes, não, só na época de seca. Aqui plantam coentro, alface, banana, melão, melancia. Não usam agrotóxico, não usam não, que a gente planta e não usamos não. Não tem desmatamento, não, às vezes desmata, mas é um pouquinho só, né? Mas não, eles sabem que a regra é não desmatar. Bom, da empresa, como eu já falei, ela não puxa mais água, ela não tira mais água e eu acho que para resolver problemas tem que só chover mesmo, porque sem a chuva ele não rende água. Na época da luta, eu participei de algumas reuniões, não de todas, mas de algumas eu participei. Valeu, valeu muito a pena porque eles entenderam, né? Que aquilo lá não era o certo.

Não valeu muito porque chegou a seca, se o açude tivesse sido feito antes poderia ter salvado, né? Os peixes, que os animais não tivessem morrido, mas aí puxaram água até a época que secou mesmo. Queria dizer que hoje isso não aconteça mais, que o

peçoal lute para que não deixe isso acontecer, não seque, que a retirada dos caminhões chegue pouco e que também a prefeitura ajude com o custo, porque tem necessidade, o peçoal necessita da água, não pode ficar sem água, mas tem que haver alguma coisa para ser feita também. A região está seca, se não chover tão cedo, os animais lá nas regiões, nas fazendas, precisam de água, o peçoal precisa, porque não tem. Temos barragens de tantos que já estão secas e precisam do caminhão pipa.



Figura 42: Serras ao fundo (BONFIM, 2023)

1.13. VALDETE SOUZA DOS REIS



Figura 43: Pescadora local (BONFIM, 2023)

Sou Valdete Souza dos Reis (*in memoriam*), tenho 60 anos. Nasci em 08 de fevereiro de 1964, em Itiúba, na fazenda Quixabeira, mas resido aqui há mais de 30 anos, acho que tem de 35 a 40 anos que resido aqui, vim para cá com 20 anos. O nome do meu pai é Noésio Barbosa de Souza e minha mãe é Nilda Maria Souza. Ainda estou estudando atualmente no eixo 3 ou 4 aqui no Medrado. O nome do açude se deu por causa da firma, a firma que fez aqui chamava-se IT, aí ficou o açude da IT. Esse açude da IT tem muitos anos, quem sabe a idade certinha mesmo é meu pai, mas eu acho que ele tem uns 40 anos ou mais. A renda local daqui é a agricultura, tem a agricultura familiar que tem uma

associação ali, que a água vai daqui do açude, tem também os pescadores, nós que somos pescadores e outros que trabalham na firma, mesmo na Ferbasa. Pescadores registrados, acho que tem uns 50 a 60. Mulheres, tem algumas, uma é a Zenaide Senna, tem duas Zenaides, Aldelice.

Os peixes capturados por aqui são a tilápia e o corró, uns pretinhos que se chamam cari, a carpa, que está bem difícil de encontrar, tem outros que a gente dá o nome de cascudo ou bufão, sei que ele é bem nutritivo. Eles são comercializados aqui mesmo, a gente mesmo pega, consome e vende por 18, 17 ou 14 reais, varia o preço de acordo com o tamanho. Eu acho que a quantidade de peixes aumentou, porque na primeira vez foram botados 44.000 alevinos, pequeninhos, depois que ele pegou uma água, tem um tempo, tem bastante tempo que encheu aqui, acho que foi em 2015 ou 2014 que sangrou tudo. Aí depois, quando abaixou, foram colocados mais 110.000 alevinos pequeninhos, mas já grandinhos, tilápia, corró, essas coisas, os peixes nativos daqui mesmo, e aí eu acho que tem muito peixe, tem muito. Tem muito que a gente só pega pouquinho, 3, 4, 5, 10, até 10, só que são uns peixinhos mais ou menos. Na semana passada, meu marido pegou um de 3 kg, uma tilápia, mas é raridade também. A pescaria está normal, coloca a rede, no dia seguinte vai olhar, tem 1 ou 2 peixes.

Hoje mesmo meu marido só pegou 2, de 1 kg cada uma, mais ou menos. A cota de água está pouquinha, aí é só Deus que vai nos socorrer, porque a cota de água está pouca, mas depende do nosso Senhor Jesus. As formas de pesca são a rede e o anzol, a tarrafa não pescamos muito porque mexe e assanha a água, o que não pode. A gente fabrica a rede, eu mesma sei fabricar, eu fabrico tarrafa, rede, sei pescar, sei remar, mergulhar, nadar, sei consertar a rede quando rasga, sei tudo de pescaria, eu sei fazer. Vendo

rede, eu tenho algumas em casa para vender, rede eu não estou tendo não, estou tendo tarrafa. De 300 a 200 e poucos reais, 270, 280, 300. Depende da malha também, porque tem malha 4, tem malha 5, 6, 7, 8, vai variando a malha. Quanto maior a malha, o preço é menor. De jovens, tem os filhos dos pescadores, os filhos deles aí mesmo, todos pescam. Nós pescamos direto. Antes, a gente não tinha nem barco, aí pescava de pés no chão, dentro d'água, aí minhas filhas pequeninhas ficavam com água no pescoço. A gente pescava de anzol. Aí depois ela cresceu, se casou, arrumou família, mas é pescadora do mesmo jeito, sabe tecer rede. Ela arrumou um rapaz que mexe, tira leite, essas coisas, aí deixou mais um pouco a pescaria, mas não deixa de pescar.

De vez em quando, ela vem aqui numa barragem que tem ali, pesca traíra, vai outra lá pro lado do Surará pescar de anzol. Aqui para cima deve ter mais ou menos umas 15 barragens, deve ser de 13 a 14 barragens, os fazendeiros enchendo de barragem aí, de onde vem o rio para encher aqui. Deus tem que mandar bastante chuva, porque depois que encher as barragens deles é que sangra de lá para cá, para poder encher isso aqui. Da vez que encheu, a gente pensou até que ia quebrar a barragem. Então, foi um fazendeiro que fez uma barragem enorme, muito enorme, e aí ele disse: "Ah, eu quero ver quem quebra a minha, quem vai quebrar minha barragem." Deus mandou um toró e a barragem dele só ficou o chão.

É por isso que a água veio com tudo aqui, quase carregando meu marido, que estava ali, mais o amigo dele. Questão de minutos, se ele não sai, a água tinha levado de tão forte que veio, porque essa barragem quebrou e veio com tudo. Passou 25 dias de água correndo aí, trazia tudo, trazia animal, trazia vaca, ovelha, porque quando estourou lá, saiu carregando tudo, desceu tudo aí de

cabeça abaixo. Aqui a gente retira água de uma bomba que eles têm aí, que fizeram uma parceria, mas agora está desligada. Dizem que a bomba quebrou, nunca mais forneceram, e com os conflitos que a gente teve aí, e caindo para cima, conseguimos fazer um acordo. Aí eles fornecem essa água para os agricultores, mas a gente vem, quando quer água para os bichos, vem com carrinho e pega, um reboque ou algum balde e leva, porque eles só fornecem para os agricultores. São muitos caminhões-pipa, antigamente a gente tinha um controle, mas quando entra esse tempo seco não tem controle, porque vem gente de toda paragem pegar água aqui, vem gente do Monte Santo, vem gente da Pedra Vermelha, de Itiúba, toda essa redondeza aqui vem pegar, então você não tem controle e é fuso horário, tanto faz, de dia ou à noite, não tem como ser controlado, a não ser que a prefeitura ou, sei lá, a Ferbasa fizesse o controle, colocasse um guarda aí para ficar só controlando, mas ninguém quer.

Eles não pagam, não têm coragem de pagar uma pessoa para ficar aí, fica aí aleatoriamente, quem quiser pega e vai embora e acabou. Nós só ficamos dependendo do nosso Senhor Jesus Cristo mandar água para todo mundo, e a gente não pode impedir de pegar água mesmo, para consumo humano, nem para animal. Consumo humano primeiramente, segundo os animais, a indústria vai ser a quarta e olhe lá, se der, se não der, ela tem como se virar, e os bichinhos, como é que vão se virar? Os agricultores plantam hortaliças, cheiro-verde (o cheiro-verde é o coentro), plantam alface, pepino, abobrinha, pimentão, cebolinha. Não usam agrotóxicos, esses daí são orgânicos, pelo menos é o que eles dizem, mas eu acho que é tudo natural. Não houve chantagem, houve uma luta aí muito feia, um negócio que aconteceu, que a gente não sabe de onde veio até hoje, que eles arrumaram as viaturas, 3 viaturas, e essas viaturas vieram aí com tudo e atacaram a gente dizendo que a gente era tudo bandido.

Uma delegada sem juízo que apareceu aí em Andorinha dizia que a gente era bandido, aí atacou a gente de madrugada, umas 3 e pouco da manhã para 4 horas e saiu pegando os pescadores. Em casa mesmo, nós não fomos espancados, mas teve parentes meus que foram espancados, que até hoje a minha prima está depressiva por causa disso, porque eles chegaram, meteram o pé na porta, na época o delegado era o Felipão.

O Felipão, que era o delegado, junto com essa delegada, ela fez a fofoca que quis e chegou aí, disse que a gente era tudo bandido, 3 bandidos, disse que vinha pegar 3 bandidos, o bandido era nós, porque nós temos um apelido de "banda peixe". Nossa família lá, é meu pai, tudo é "banda peixe", nossa família toda, porque a gente toca e pesca. Aí colocaram esse apelido de "banda peixe", até a rua o nome é "banda peixe" também. Sei que foi um negócio feio, e aí chegaram esses policiais, meu pai estava, quiseram atacar meu pai, mas meu pai esclareceu uns negócios lá, e minha mãe estava nessa época acamada, e eu sei que foi um chororô. Nós não somos bandidos e aí depois o delegado entendeu que não tinha nada a ver com aquela operação que ele fez. Meu irmão não estava, meu irmão, que disse que era o pior, ele se chama Nilvan Barbosa de Souza.

Hoje em dia, ele reside em São Paulo, lá no litoral, em Santos. Ele não sofreu porque só estava a esposa com as filhinhas e ele estava para Minas trabalhando, e ele tinha pedido licença, que ia trabalhar, ele trabalhava na Geosol nessa época. Aí ele ia para Paraopeba, pediu licença dizendo que ia sair, caso a justiça precisasse dele. Ele tinha que viajar, pegou a licença e foi, né? Aí ele chegou, quando não acharam ele, meteram o pé na porta, a esposa, coitada, acordou atordoada com as crianças: "Cadê ele? Cadê ele? Aquele bandido!" Aí entraram dentro de casa, reviraram umas coisas lá, eu sei que foi um bafafá. Gente presa

mesmo não teve não, só um senhor que tinha um ali atrás, que é o seu Olimpo, que coitado, foi o mais afetado, porque ele tinha uma espingarda velha do sogro da minha filha, que ele se matou, morreu enforcado. E aí, mesmo nessa época que era uma época de seca, ele pegou e deu a espingarda para esse homem. Aí foi o que eles fizeram, chegaram lá, acharam o bichinho com essa espingarda, pronto, disseram que ele era bandido, estava cheio de arma dentro de casa, mas não tinha nada a ver. A espingarda foi doada, fizeram lá o que o protocolo que eles queriam para poder não sair em vão, né? Ele viu que a gente era tudo pescador, humilde, não tinha nada a ver com bandido e depois enrolaram lá de um jeito, que essa delegada foi deportada daí, ninguém sabe quando ela sumiu, porque ela que bolou esse negócio todinho aí, ficou lá na rua e mandou as viaturas irem atacar as casas. Não morreu ninguém, mas fomos maltratados com palavras, ameaças, algumas ameaças, mas graças a Deus ninguém foi maltratado, não machucado, apanhado.

Às vezes, os caminhões-pipa derramam óleo, esse óleo prejudica, se derramar prejudica, porque a água já está pouca, arrisca perder os peixes, porque agora, nessa época, a temperatura, esse sol que está, ela esquenta mais ou menos de 40 a 50 cm. A água fica muito quente, se os peixes não tiverem oxigênio, aí eles sobem, e quando sobem para respirar, se acharem água poluída, morrem todos. Meu marido diz que achou um peixe de 3 kg morto, mais ou menos 3 kg, mas aí a gente não sabe dizer se foi mais ou menos isso, porque eles também pegam na rede, e aí, quando conseguem se soltar, machucam um pouco, e eles não conseguem sobreviver e morrem aí. Às vezes acaba morrendo, não podemos dizer que foi o óleo. Temos desmatamento na beira do açude, aqui não, que aqui é até mais ou menos, mas para cá, tem muito fazendeiro, e eles desmatam muito, que eles plantam capim na beira da água.

O capim não prejudica não, porque até ajuda a engordar os peixes, mas o que prejudica é se botarem aqueles produtos que eles usam para matar os matos. Eu estou preocupada com isso aí, todos nós pescadores estamos preocupados, porque quando Deus mandar a chuva, se não for uma chuva mesmo que dê para lavar direitinho, corre o risco de matar os peixes. Deus queira que não, mas nós corremos o risco. Existe cercamento de arame, que prejudica. Uma vez, eu julguei a minha tarrafa em cima de uma cerca de arame e eu dei mais ou menos 100 mergulhos para poder tirar essa tarrafa, senão eu tinha perdido todinha. É arriscado a gente se enganchar e morrer afogado.

Mas, como a gente é muito experiente nessa pescaria, desde criança se mergulha com os pés para lá e abaixa só com a mão. Aí eu descí assim, com os pés para lá e ia se enganchando uma por uma, com cem mergulhos. Não tem necessidade de uma pessoa cercar o açude, botar cerca de arame dentro do açude. Para resolver os problemas, eu acho que as pessoas deveriam se conscientizar, porque cada um de nós tem a nossa função. Por exemplo, eu sou pescadora, eu preciso dos meus peixinhos para sobreviver, para vender, para comer, que é uma maravilha, uma benção, os peixes, as coisas que Jesus Cristo deixou para a gente se alimentar. E eu gostaria que esse pessoal que tem animal, os fazendeiros, eu acho eles muito injustos, porque eles não estão nem aí, querem ver o gado bonito, querem ver, mas aí não pensam nas outras pessoas que são mais humildes, por exemplo, os pescadores que vivem disso. É muito injusto.

Eu acho que tinha que ser feita uma lei, uma lei que proibisse eles de fazerem isso, seja as barragens, ou de botar arame dentro d'água também. Uma lei severa, algo que pesasse no bolso, uma multa, uma multa bem salgada para se sentir no bolso, mesmo, para ver se as pessoas se conscientizam.

Sobre a empresa, eu acho que ela tem que suspender a captação de água dela aí definitivamente, não fazer nada para pegar água e deixar só para os peixes, para o consumo humano e para nós aqui, os animais, suspender a outorga, suspender totalmente. No geral, a nossa dificuldade foi muita. O meu marido mesmo acho que passou uns 3 meses aí dormindo na beira do açude, revezava, uma semana era um, isso foi uma luta difícil. Passou mais de 3 meses com a gente plantado, dormindo, passando a noite, né? Porque ninguém consegue dormir no relento. Desmataram um juazeiro bonito que tinha, umas algarobas debaixo das quais a gente ficava, arrancaram tudo, mas a gente ficava lá. Apareceu uma empresa aí dizendo que era o DNOCS e desmatou a beira do açude todinha, que era ordem não sei de quem, ficou por isso mesmo. A pessoa que coordenava isso aí também está muito enferma, não sei se já morreu, ele era um funcionário aposentado do DNOCS. Eu sou funcionário do DNOCS e aí a gente deixava correr frouxo, como diz o ditado. Mas, no final das contas, a luta deu certo, porque essa conquista que a gente teve hoje eu posso dizer que foi muito gratificante, porque antes não tinha nada disso, eles faziam o que queriam, puxavam a água até o último momento, depois, quando acabava, furaram um poço e voltavam a puxar o último charquinho que tinha, e ficava por isso mesmo. Ninguém falava nada. Aí, depois dessa luta, eles não fazem mais isso, de jeito nenhum.

Valeu a pena, muito, muito. É tanto que agora, qualquer coisa que, por exemplo, se a gente for falar alguma coisa com eles, eles pedem para o pessoal da associação. Nenhum que for aleatoriamente falar, eles recebem, porque eles sabem que esse negócio foi uma luta, eles perderam muito, perderam muito dinheiro pagando para eles, no fim não deu em nada, porque a gente não estava roubando, não estava fazendo nada de errado. Sei que foi uma luta. Eu não quero nunca mais voltar àquele

negócio. Oh, muito triste, muito. Um relato que eu faço é que agora, graças a Deus, depois que a gente foi para o juiz, está estável. Ou, se a gente precisar de alguma coisa, eles não enfrentam mais. Sempre procuram entrar em acordo com a gente, então eu acho que agora não precisa mais de conflito, não, porque, se você precisar falar com eles, eles atendem rapidinho, logo, logo. A gente quer ver o que está acontecendo, para não prejudicar mais ninguém. Aí, nós estamos até agora, o caso está rolando aí na justiça. Inclusive, eles contrataram um pessoal agora, uma firma, e estão construindo uma barragem lá para o lado da Várzea do Mateus, dizendo que é uma barragem para a Ferbasa, acho que para não mexer mais aqui de jeito nenhum, em nome de Jesus. Para deixar tudo OK, só para a gente, para pescaria, consumo humano e animal.



Figura 44: Árvore Seca (BONFIM, 2023)

1.14. GENILDO SOUZA DOS REIS



Figura 45: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Genildo Souza dos Reis, na realidade, estou com 57 anos, vou fazer 58 nesse mês que vem. Eu nasci em 1965, sou natural da região daqui mesmo de Andorinha, nasci lá perto de Carrancuda. Não tenho escolaridade, não, ando só bestando por aí, mas não tenho escolaridade, não. Meu pai é Zé Ferreira da Silva, meu pai já faleceu, e o nome da minha mãe é Savina Maria da Silva. Eu resido aqui há uns 30 anos. Esse nome de Açude da Itê... quando eu passei para cá, ele já tinha esse nome.

A fonte de renda do pessoal aqui é esse açude aqui, o pessoal vive da pesca... a prioridade da gente é esse açude. Rapaz... aí eu

não sei se tem 10 ou mais de 10, porque tem uns que pescam daqui do lado do Careta. Sobre mulheres pescadoras, que eu saiba daqui, tem 2; agora, daqui e do lado de cima, eu não sei quantas tem, não, tem umas que pescam daí, mas não sei a quantidade, não. Aqui tem o pilape, a traíra e o corró, os peixes são vendidos aqui mesmo no local... a gente passa para os revendedores, o valor é 10, 12 reais o kg. Os peixes estão mais ou menos, não sei se aumentaram ou se diminuíram, sei que peixe tem, só que tá... como diz assim... para pescar ou que tem no açude?

Eu acho que não aumentaram, não, deve estar diminuindo, porque a gente tá pegando menos. A diminuição é porque a gente pesca. A pesca hoje está fraca, não sei se é porque tem muito lugar de esconderijo deles ou se eles estão mesmo pouco, a gente bota linha e eles diminuem por causa disso. As redes, né... têm 10, 11 e 12, a malha. Tem aqui bastante gente que faz rede, quem não sabe fazer manda tecer. Daqui não tem muitos jovens pescadores, daqui não tem nenhum, se tiver é uns aí para o lado do Careta, mas, para cá, não tem, não. Eu sei que tem umas barragens aí para cima, para o lado dos poços... do barro para lá para cima, tem umas barragens aí.

Elas atrapalham porquê... primeiramente, ele vai na correnteza do açude, a entrada da água tem que primeiro encher as barragens, para as barragens sangrarem e jogar para o açude. Tem cercamento, aqui e “acolá” tem umas cercas que atravessam... isso prejudica porque a gente vai botar ali e vai ter uma cerca afundada... se jogar uma tarrafa, bate em cima da cerca... corta a linha, engancha e não tem para onde ir. Tem carro-pipa... as formas de tirar é para o consumo e eles tiram para os animais. Sai um bocado de carro-pipa, mas não muito, muito também não, agora a quantidade que sai eu não sei, não. Em

relação a ameaça, que eu saiba, não. Nascente tem uma que vem lá do lado da Barriga Mole, um riacho que vem de lá, só tem esse aí. Não acho que derrama óleo, a gente tem acompanhado, prestando atenção. Aqui teve morte de peixes quando secou... foi em 2013, secou que rachou. Para sobreviver, a comunidade não fez nada, ficou sendo puxada água lá do Santa Rosa, até que Deus abençoou... que em 2016 encheu. Hoje está mais ou menos, para pescar não está muito bom, não, mas dá para ir pescando porque não tem outro ramo.

A bomba da Ferbasa não continua tirando água... a bomba mesmo não está puxando água, não. Os caminhões-pipa levam água para os agricultores da região para botar para os animais, gado, criação, essas coisas... e para o consumo também. Aqui plantava coentro, cebola, alface, essas coisas, coisa pouca porque a água vem cada vez mais baixando.

O pessoal não usa agrotóxico, é natural. Umhas partes da beira do açude estão desmatadas, que aqui para cima, tem uns lugares que é tudo desmatado... prejudica as águas, eu no meu conhecimento... prejudica. Eu acho que quem for dono das suas áreas deve tirar a cerca igual pinhões, punir a sua área e deixar o açude público, sem cerca nem nada no meio. Para aumentar as águas, acho que só quando Deus ajudar, que chova bastante para aumentar as águas porque assim não tem como. A empresa pode ficar lá, ela tem condições de fazer as represas dela, que eu acho que ela já fez, ela não tem estabilidade de puxar essa água daí, aí ficaria só para o consumo, para os pescadores e para a zona rural. A empresa, não puxando a água... conserva muito mais.



Figura 46: Formação rochosa (BONFIM, 2023)

1.15. JOSÉ ROBERTO RODRIGUES DA SILVA



Figura 47: Pescador local (BONFIM, 2023)

Meu nome é José Roberto Rodrigues da Silva, tenho 50 anos, nasci em 5 de dezembro de 1972, sou natural do açude de Sohen, do município de Senhor do Bonfim. Moro aqui há muito tempo, cheguei aqui quando tinha 12 anos de idade. A gente ficava indo e voltando, depois arrumei família daqui mesmo e hoje já estou aqui há uns 30 anos. Meus pais se chamam Manuel Rodrigues da Silva e minha mãe, Dejanira Doroteia da Silva. Meu pai é natural de Santa Rosa de Lima e minha mãe é natural daqui do Serrote Branco, só que mora lá há muito tempo no açude do Sohen. Hoje, que ela veio embora para aqui, vai fazer três meses que ela está morando aqui junto com a gente.

Desde quando cheguei aqui, já existia o açude, eu conheci como açude da Itê, mas não sei dizer o significado do nome. Aqui, nossa fonte de renda para toda a vida foi o açude. Para a gente, como pescadores, a gente se criou nisso daí, toda a vida foi o açude. Saímos do açude do Sohen porque lá secou, aí aqui já teve seca, mas a gente fica sempre de um açude para outro, porque não podemos estar de mudança diretamente. A família fica, às vezes a mulher fica em casa com os filhos e a gente sai para pescar. A gente pesca em Pinhões, pesca em Quiçé, viemos do açude do Sohen e hoje estamos aqui.

A gente continua desse jeito. Não existem muitos pescadores mesmo. Existe o menino Zelinho, tem eu, esse irmão aí, outro irmão, tem o Medrado junto com os irmãos, tem outra irmã minha que não veio hoje para cá, que mora ali no Careta, tem o meu cunhado, que é marido da minha irmã. Deve dar mais ou menos uns 15 a 20. Já, mulheres, tem bastante. Tem minha parceira Ivonete Alves de Souza, que pesca comigo, tem minha irmã, que é a Eugênia, que pesca com o marido. O marido dela até já foi entrevistado.

Tem duas filhas dela, a Jeane e a Ledinha, que a gente chama, sem contar as daqui de Medrado, que Medrado tem bastante. Tem jovens pescadores, não é muito, não, mas tem, que mantêm a tradição de pesca. Meus filhos mesmo, tenho 3 filhos. Aqui, eles não estão pescando porque foram obrigados a arrumar um serviço. Hoje, só o mais novo que mora aqui, está empregado na Ferbasa, e os outros dois mais velhos, um está em São Paulo e o outro está em Vitória da Conquista. Aqui pesca a tilápia, o corró, traíra, crumatã tem, mas é pouco. Eu comercializo aqui na rua de Andorinha mesmo, porque há muito tempo que a gente fechou com uma mulher aí, um casal, que ele frita e revende. Aí, já pega em minha mão para poder vender esse mês. O valor varia: a

tilápia mais graúda chega no valor de 12 reais, o menor no valor de 10 reais, o piabão a gente vende o quilo a 8 reais. É tudo desse jeito.

Na minha visão, os peixes diminuíram por causa da água, porque o açude, quando ele enche todo ano, o peixe tem como se reproduzir e se desenvolver para crescer mais. Agora, quando ele não enche todo ano, sempre vai baixando, aí o peixe não se desenvolve o suficiente para a gente pegar. Porque a gente aqui pesca mais com a linha da malha graúda, 10. A gente pesca aqui até de malha 17, aí pega só os graúdos, porque a tilápia de malha 17 é uma tilápia de 1,5 kg, 2 kg. Aí, a gente só pega de malha pequena, a fim de não acabar mesmo. Nós pescamos de barco, rede, tarrafa. As tarrafas a gente sabe fabricar, mas o tempo não dá, faz só a segunda parte.

A gente manda tecer a que vai para o lado de Píaus, e a parte final a gente acaba de fazer, que é o entrelaçamento, que a gente chama, que é colocar o cordão grosso. Existem barragens no rio, agora não sei te dizer a quantidade, mas, baseado no que ouço falar, tem umas 8 ou mais. Dizem que é tudo cortado. Elas atrapalham porque, todo ano, tem as trovoadas, e, mesmo que sejam fracas, se não fosse as barragens, a água só vinha para dentro do açude quando chove aqui ao redor. Todo riacho que tem por aqui, a água desce para dentro dele. Se não fosse as barragens que tem no meio, qualquer chuvinha já estaria rendendo, mas, com as barragens, já vai acontecer assim... quando ela vier encher, ela vai despejar para outra, que vai encher a primeira... segunda... terceira, até chegar a derradeira para cair no açude.

Às vezes, dependendo do ano, se for fraco de chuva, igual está sendo esse ano agora, as águas não chegam ao açude. Tem dois

rios: tem o daqui, que a nascente dele é do lado da Jabuticaba, e tem um que é do lado do Surará. Tem cercamento dentro do açude, e prejudica, porque as redes da gente, quando o açude enche, a gente tem que desviar e marcar a cerca, porque, se passar, a gente rasga tudo. Aqui, retira água com a bomba da Ferbasa. Hoje, carro-pipa, se for contar, sai bastante, mais ou menos uns 6 ou 7 carros-pipas, já saíram daqui desde o tempo que a gente chegou aqui.

A água vai para as roças, para dar água aos bichos, para o consumo de muita gente, banho, lavar roupa, porque só a água do exército não dá para fazer tudo isso, a água do exército é só para beber. Aqui hoje as plantações já morreram, ouvi dizer que a bomba está quebrada, mas às vezes planta aqui melancia, tomate, coentro, alface, só na estrada, mas por aqui é só o capim mesmo. Eles não usam agrotóxico, que eu saiba, não. Não posso dizer que houve ameaça ou chantagem no meu caso, porque eu nunca conversei diretamente com eles, sempre tem o outro pessoal que conversa, como o presidente da associação, às vezes alguns que eles chamam para entrar aqui.

Os caminhões-pipas têm alguns tempos que derramam óleo na água. Teve uma vez que a gente veio a uma reunião aqui, a gente estava na ponta da água e achamos óleo, até citamos aqui na reunião, mas foi só dessa vez. Acredito que esse óleo prejudica, pois se o peixe chegar ali e se melar nesse óleo, praticamente ele não vai resistir, ele vai morrer. Já houve morte de peixe, tem um bom tempo, mas agora não. Esses tempos está quieto, não sei se é porque os peixes estão poucos, porque o açude está raso. Não acho que tem desmatamento na beira do açude, praticamente não, só se for lá na ponta dessas barragens, mas acredito que não deve ser tanto, não é possível que muita gente vai se arriscar para fazer umas coisas dessas.

No futuro, para resolver a situação do açude, seria a saída da bomba, porque uma bomba dessa daí ligada, praticamente quando o açude está cheio, na conta deles, antigamente era 24 horas por dia. Depois das questões que diminuíram mais, só que mesmo assim é muita água que sai, porque quando cheguei aqui, eu via eles puxando água de carro-pipa, quase que não baixava tanto, porque de carro-pipa sempre tem o intervalo de uma bomba para outra. Já a bomba não é ligada direto. Agora ela não está ligada, eu recebi uma informação recentemente que passou um guincho, e o rapaz falou que deveria ter ido mexer com a bomba, porque tem mais de 1 mês que está quebrada. Aí não está puxando por causa disso, não puxava para ela, mas antes puxava para os meninos molharem o plantio, e a outra associação que tem parceria com ela.



Figura 48: A beira do Cais (BONFIM, 2023)

1.16. ELIANA DE SOUZA SILVA



Figura 49: Pescadora local (BONFIM, 2023)

Meu nome é Eliana de Souza Silva, tenho 41 anos, nasci em 1982, sou natural de Andorinha mesmo, resido aqui desde sempre. Meus pais se chamam José da Silva e Josefa Maria de Souza Silva, tenho o 2º grau completo. O significado de Itê é porque o pessoal que veio trabalhar aqui tinha um nome desse, parece que tinha uma pessoa que tinha o nome de Itê, aí eles colocaram esse nome.

A fonte de renda local é o peixe principalmente, a agricultura familiar, a ovinocultura e a caprinocultura, gado tem, mas é pouco. Existem mais ou menos 40 ou 50 pescadores, 20

mulheres, jovens têm pouco, se tiver são uns 10. As espécies capturadas são a tilápia, traíra, corró, que são comercializados na feira livre de Andorinha, o preço do peixe varia entre 12 e 15 reais. Teve uma época em que os peixes aumentaram, mas hoje diminuiu, hoje não está uma quantidade que o açude tinha antes, não, por causa da seca e da diminuição da água, aí a condição de pesca está baixa. A pesca é realizada com tarrafa, com linha que você coloca debaixo da água, coloca em um dia e pega no outro, e o anzol. Algumas redes são fabricadas aqui mesmo, tem alguns fabricantes.

Não existem barragens dentro do açude, existem nas cabeceiras, umas 5 ou mais, o que prejudica a cheia. Retira-se água com carros-pipa, na seca saem de 25 a 50 carros-pipa, essa água vai para a zona rural, para os agricultores. O pessoal planta milho, feijão, mas a água é mais para os animais e para o consumo humano.

Não usam agrotóxicos, é natural mesmo. Já houve chantagem da empresa, na época do conflito os moradores tiveram suas casas arrombadas, a polícia carregou arma, prendeu gente... alguns senhores de idade, vieram várias vezes aqui, enfrentaram a gente. As nascentes são pequenas, é mais quando chove que os rios passam água que chega até aqui, nascentes assim não tem muito não. A depender do carro-pipa, ele derrama óleo no açude, se ele vier com aquele motorzinho que coloca dentro da água para abastecer o carro, cai óleo, esse óleo fica matando os peixes, deixando a água oleosa. Já houve morte de peixes, mas não foi muito não.

A situação de pesca atualmente está fraca, a bomba da Ferbasa continua puxando água... não é para os caminhões não, a bomba permanece puxando água para os moradores vizinhos aqui, para

a Ferbasa não está saindo mais não. Na beira do açude tem um pouco de desmatamento, mas não é muito não, a gente já conseguiu controlar, alguns fazendeiros, alguns de fora. A luta começou quando o açude secou, aliás, não, o açude secou, aí o pessoal pescador ficou meio desamparado. Aí, quando foi há uns 6 anos mais ou menos, o açude começou a secar, aí a Ferbasa queria puxar água mesmo. Aí a gente partiu para cima. Nisso que partimos para cima, a Ferbasa trouxe polícia, enfrentamos um bocado de gente, tivemos que chamar a CPT para arranjar advogado, pois nós não tínhamos.

Quem deu entrada no Ministério Público fui eu mesma, Eliana, que era presidente. Dei entrada no Ministério Público, aí começou a luta, prendeu gente, e muitas vezes a gente vinha para cá e os carros da Ferbasa passavam na frente para não deixar a gente passar. Trouxemos até também o padre Luiz para nos ajudar na época, padre Luiz veio, fez uma conversa boa, a comunidade toda se envolveu, bastante gente se envolveu, fizemos passeata em Andorinha, pedimos ajuda ao prefeito e ele negou. Na época, o prefeito Zé Branco, disse que não poderia ajudar, pois tinha parceria com a Ferbasa. A nossa fonte forte mesmo foi a CPT, que até hoje está com a gente. Fomos para Campo Formoso, tiveram várias audiências públicas em Andorinha na câmara.

A Ferbasa ia, a gente chamava a população, tiveram várias audiências públicas, teve uma em Campo Formoso quando a gente fez o acordo com a Ferbasa para tirar água até a cota 389. A gente foi lá com o juiz em Campo Formoso, fechamos essa cota, e quando chega essa cota, que é no mês de junho ou até antes, que às vezes chega antes, quando chegar nessa cota, eles não podem mais puxar água. Eles têm que retirar a bomba e procurar outros meios para trabalhar.

Em questão de atos de resistência, fizemos acampamento aqui na beira do açude. Aí ficávamos revezando, 4 ou 5, para que a Ferbasa não viesse e ligasse a bomba. Ficamos 2 meses aqui acampados. Aí a gente teve ajuda de cesta para fazer a alimentação, teve um vereador, o Nilton Matos, que ajudou a gente nessa época, deu uma palavra de ajuda, o sindicato ajudou bastante... o sindicato dos trabalhadores de agricultura familiar. Teve nosso companheiro Zé da Paz, que na época não era vereador, mas hoje é vereador, que nos ajudou bastante também, e as comunidades vizinhas nos ajudaram também. Teve muita gente, até em nossa comunidade vizinha, um senhor foi abordado às 5 horas da manhã, levaram umas armas dele que eram herança do pai. Medrado também, chegou arrombando as portas de outros senhores. Lá é uma vila pequena, só moram poucas famílias, como a família de Valdete, o pai dele teve sua casa arrombada, tudo isso.

A luta valeu a pena, tivemos vitória, graças a Deus. Até hoje a Ferbasa tem medo da gente, da nossa associação, e nossa associação é reconhecida mundialmente, não é nacional, é mundial mesmo. A associação se chama Associação dos Pescadores do Porto de Andorinha 2. Ficamos conhecidos mundialmente por conta dessa luta... no enfrentamento à Ferbasa. A nossa luta é para retirar a outorga da Ferbasa, que ela tem o direito de puxar água do açude. O açude está assoreado, cheio de sujeira. Nessa época, até foi pedido para limpar, mas a Ferbasa disse que não tinha onde colocar os resíduos que seriam retirados de dentro do açude, e a prefeitura não ajudou de jeito nenhum.

Nossa luta é para suspender a outorga da Ferbasa, porque ela tem condições de trabalhar sem a água do açude. Agora mesmo, nesse momento, ela não está tirando água do açude, e a Ferbasa está funcionando, então ela tem condições de trabalhar sem retirar

água desse açude aqui. Aqui a gente luta mais pela sobrevivência dos agricultores, pescadores, familiares que trabalham, pelos animais que bebem, têm as roças na beirada do açude, tem as roças mais distantes, a coisa de 1 km ou 2 km, para a gente se alimentar de maneira natural, sem agrotóxico nem nada.



Figura 50: Pescadores (BONFIM, 2023)



Figura 51: Água Viva (BONFIM, 2023)



Figura 52: Serras ao fundo (BONFIM, 2023)

AVIFAUNA DO AÇUDE



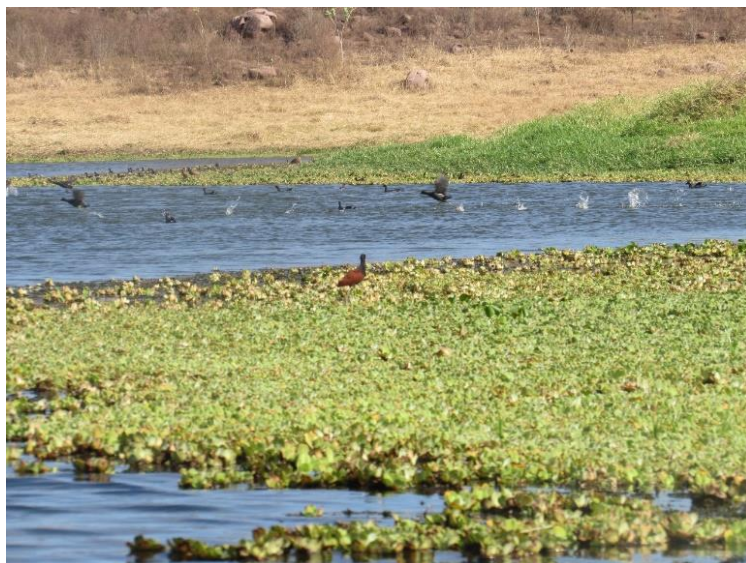


Figura 53: Aves do açude (BONFIM, 2023)

PARECER TÉCNICO SOBRE A ECOLOGIA HUMANA NA BACIA DO RIO ITAPICURU: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O CONFLITO DA CAPTAÇÃO PREDATÓRIA DOS RECURSOS HÍDRICOS DO AÇUDE ANDORINHA II

O conflito na Bacia do Rio Itapicuru, desencadeado pela Companhia de Ferro Ligas da Bahia (Ferbasa) com a exploração dos recursos hídricos do Açude Andorinha II, expõe uma rede complexa de desafios ambientais, econômicos e sociais que demandam uma análise aprofundada sob a ótica da Ecologia Humana em ambientes áridos. A escassez de água emerge como uma questão central, afetando diretamente a agricultura, a sobrevivência dos animais e a biodiversidade local, como evidenciam as frequentes mortes de peixes. Além disso, o uso de água do açude para irrigação levanta preocupações sobre contaminação por agrotóxicos, revelando a interconexão entre a gestão dos recursos hídricos e os impactos na agricultura.

As ações da Ferbasa, especialmente com a instalação de bombas hidráulicas no açude, refletem um conflito de interesses entre a empresa e as necessidades da comunidade, resultando na exploração predatória dos recursos naturais em territórios tradicionais. As divergências dentro da comunidade quanto à melhor abordagem para lidar com os problemas ambientais agravam a busca por soluções locais.

A pesca, principalmente de espécies como tilápia, traíra e corró, destaca-se como fonte essencial de renda, apesar dos desafios. A resiliência e a força da comunidade na busca por soluções

coletivas são notáveis. A recomendação do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru (CBHI) para revisão da outorga de água à Ferbasa destaca a necessidade de priorizar o abastecimento público, a pesca artesanal e a dessedentação animal em períodos de escassez, sublinhando a urgência de diretrizes ambientais para prevenir danos irreversíveis.

A preocupação com o desmatamento e as mudanças climáticas reflete uma crescente consciência ambiental na região. A análise da Ecologia Humana aponta para a necessidade de ações preventivas e colaborativas, visando evitar um colapso socioambiental iminente. Em resumo, a situação na Bacia do Rio Itapicuru revela uma teia complexa de interações entre fatores ambientais, econômicos e sociais na vida dos pescadores. A resiliência, a espiritualidade e a busca por soluções coletivas se sobressaem como elementos cruciais para enfrentar os desafios atuais.

Recomenda-se uma abordagem colaborativa entre a comunidade, órgãos públicos e empresas para desenvolver soluções sustentáveis que preservem os recursos hídricos e promovam o bem-estar local. A atenção à Ecologia Humana é essencial para uma resposta eficaz, integrando ações que considerem a saúde ambiental, social e econômica da comunidade.

Texto por: Alan Bonfim
(Ecologista Humano)



Figura 54: Caatinga (BONFIM, 2023)

APOIO:



A Comissão Pastoral da Terra (CPT) da diocese de Bonfim é vinculada com a CPT Regional BA e SE, nasceu em 1979 com o objetivo de assessorar e apoiar na reivindicação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na luta pelos seus direitos, garantir o acesso à terra e a permanência nos seus territórios de forma sustentável e equilibrada.

cptbonfim@cptba.org.br



MISEREOR é a Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento. Desde há mais de 60 anos, Misereor está comprometida com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina. A ajuda de Misereor dirige-se a todas as pessoas que sofrem necessidade – independentemente da sua religião, raça, cor ou sexo.

<https://www.misereor.org/pt>

CAMINHOS E DESAFIOS DO SER-TÃO

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DE
PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS EM
ANDORINHA - BA

O livro “Caminhos e desafios do ser-tão: Impactos socioambientais no território de pescadores e pescadoras artesanais em Andorinha - BA” é um marco no registro da história e da dinâmica socioeconômica das comunidades pesqueiras da região. A obra revela o papel transformador da cartografia social como ferramenta participativa, ao reunir as narrativas dos pescadores sobre os desafios e as mudanças vivenciadas em seu território. As histórias retratam a luta pela sobrevivência frente à exploração de recursos hídricos por empresas de mineração como a FERBASA, afetando diretamente a pesca de espécies nativas como tilápia, traíra, piau e outras. Com um olhar sensível para as relações comunitárias, o livro documenta práticas tradicionais, estratégias de resistência e um rico conhecimento ecológico que permeiam o cotidiano dos pescadores. Elementos como a linha do tempo destacam momentos importantes, reforçando a presença da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e de associações locais como parceiros na busca por justiça ambiental e sustentabilidade. A publicação transcende o simples registro geográfico e se estabelece como um testemunho vivo da resiliência e do vínculo humano com o meio ambiente, oferecendo uma leitura inspirada para pesquisadores, gestores e todos os interessados em justiça social e conservação ambiental.

